

AUTORES & LIVROS

Editor e redator: MUCIO LEAO
Gerente: LEONARDO MARQUES
Secretário: SERGIO R. VELLOZO

PREÇO: Cr\$ 3,00

X
Janeiro de 1959

Volume XI
Nº 10

Famosos autores dos séculos XVII e XVIII

Antônio da Amaro

Ho de Gonçalo Gomes
D. Marta do Amaral
em 1675. Sobre o lugar
de nascimento há divergências:
Machado, Inocência Mac-
edo, Julgaram-no natural
do Rio de Janeiro; Melo Moreira
disse que os Santos Titães
eram natural da vila de Ca-
mões na Bahia.

Curou na Bahia, Prudêncio de
Amorim entrou no Colégio das
Meninas do Rio de Janeiro. Em
1700, entrou para o Convento de São Francisco, tor-
nando-se famoso como dizem os seus
discípulos como um dos maiores perfeitos
e belas virtudes da in-
tuição e da oração.

Membro da Academia
Portuguesa de Lisboa, pro-
fessor de Teologia
1715 — 25 ou 27
missionário católico
foi assassinado
nessa parte de
avançada uma
vila de direita, para um dos seus
colegas falecido no
lugar. E o que se sabe

do mais célebre dos letitras
do Brasil, Prudêncio de Amaral
que escreveu o latim com
perfeição, se tornou um contem-
porâneo de Horácio ou de Virgílio.
Assim em Santíssima Virgem,
tudo o que se fez
no seu trabalho era
de grandeza.

Escriviu:
— *O alago dos Bispos* que teve
o D. João II o ano de 1676 me que
a Cidade da Bahia é
a metropolitana, e dos Arce-
bispos que nela tem residido, com
oito de que uns e outros
descobrir o Rio, Revmo.
Sebastião Monteiro de Vi-
lalba Arcebispo da Bahia, —
publicado nas Constituições
do Arcebispado da Ba-
hia, Lisboa, 1719. Esse obri-
to contém (além do 1.º, as de
1705 e 1853), e em todas
a obra de Amaral

De Sacchari optio Carmen,
o trabalho foi publicado de-
pois da morte do autor, em Po-
rto Alegre, 1770. Prudêncio de Amaral
não se manteve, um engenho de acú-
mulo. O poema deserto,
no Brasil, só em 1890, tam-
bém apareceu impresso na Ti-
pografia Antamina. Em 1781, vi-
tinho, à publicação, figura
o volume *De rusticis Bro-
chures*, editado em Roma.
Incluía um poema de outro
José Rodrigues de Melo.

Obra de Amaral mereceu

ao grande Martins que

uma citação a ela extraida

do seu monumento da Flora

— *De Sacchari optio*

men teve nova edição em

esta vez feita pela Acadê-
mia Brasileira.

O volume

brasileira de Letras, nro.

1975 encerra o *De rusticis Bro-*

chures (*Cantos rústicos do Brasil*)

de José Rodrigues de Melo; a *De*

Sacchari optio Carmen (*Canto*

da Fabricação do Açúcar), de

Prudêncio de Amaral; uma *nota*

secundaria, explicativa da obra, de

Alfrônio Peixoto; as biografias de

José Rodrigues de Melo, Prudêncio de

Amaral e João Quirino Pereira

dos Santos Reis (autor da

tradução para o português dos

dois poemas); biografias estas re-
digidas por D. Regina Pirajá; e

numerosas notas dessa mesma au-
toria. E ilustrado com várias gra-
vuras.

— *Stimulus amandi Del parvus*

— Esta obra faz menção Henrique

Purinha, em seu *Sanctuário da Bi-*

blioteca Lusitana.

— *De arte amandi Del parvus*

Sommervogel refere-se a esse tra-
balho elocato incompleto. Não

serei o mesmo anteriormente re-
ferido?

— *De arti amandi Marianum*

Livro de clausura, igualmente in-
completo. A esse trabalho se refe-
re o Padre Serafim Lira, em sua

História da Companhia de Jesus

no Brasil (vol. I, pag. 534).

— *De arti amandi Marianum*

— Livro de clausura, igualmente in-
completo. A esse trabalho se refe-
re o Padre Serafim Lira, em sua

História da Companhia de Jesus

no Brasil (vol. I, pag. 534).

— *De arti amandi Marianum*

— Livro de clausura, igualmente in-
completo. A esse trabalho se refe-
re o Padre Serafim Lira, em sua

História da Companhia de Jesus

no Brasil (vol. I, pag. 534).

— *De arti amandi Marianum*

— Livro de clausura, igualmente in-
completo. A esse trabalho se refe-
re o Padre Serafim Lira, em sua

História da Companhia de Jesus

no Brasil (vol. I, pag. 534).

— *De arti amandi Marianum*

— Livro de clausura, igualmente in-
completo. A esse trabalho se refe-
re o Padre Serafim Lira, em sua

História da Companhia de Jesus

no Brasil (vol. I, pag. 534).

— *De arti amandi Marianum*

— Livro de clausura, igualmente in-
completo. A esse trabalho se refe-
re o Padre Serafim Lira, em sua

História da Companhia de Jesus

no Brasil (vol. I, pag. 534).

— *De arti amandi Marianum*

— Livro de clausura, igualmente in-
completo. A esse trabalho se refe-
re o Padre Serafim Lira, em sua

História da Companhia de Jesus

no Brasil (vol. I, pag. 534).

— *De arti amandi Marianum*

— Livro de clausura, igualmente in-
completo. A esse trabalho se refe-
re o Padre Serafim Lira, em sua

História da Companhia de Jesus

no Brasil (vol. I, pag. 534).

— *De arti amandi Marianum*

— Livro de clausura, igualmente in-
completo. A esse trabalho se refe-
re o Padre Serafim Lira, em sua

História da Companhia de Jesus

no Brasil (vol. I, pag. 534).

— *De arti amandi Marianum*

— Livro de clausura, igualmente in-
completo. A esse trabalho se refe-
re o Padre Serafim Lira, em sua

História da Companhia de Jesus

no Brasil (vol. I, pag. 534).

— *De arti amandi Marianum*

— Livro de clausura, igualmente in-
completo. A esse trabalho se refe-
re o Padre Serafim Lira, em sua

História da Companhia de Jesus

no Brasil (vol. I, pag. 534).

— *De arti amandi Marianum*

— Livro de clausura, igualmente in-
completo. A esse trabalho se refe-
re o Padre Serafim Lira, em sua

História da Companhia de Jesus

no Brasil (vol. I, pag. 534).

— *De arti amandi Marianum*

— Livro de clausura, igualmente in-
completo. A esse trabalho se refe-
re o Padre Serafim Lira, em sua

História da Companhia de Jesus

no Brasil (vol. I, pag. 534).

— *De arti amandi Marianum*

— Livro de clausura, igualmente in-
completo. A esse trabalho se refe-
re o Padre Serafim Lira, em sua

História da Companhia de Jesus

no Brasil (vol. I, pag. 534).

— *De arti amandi Marianum*

— Livro de clausura, igualmente in-
completo. A esse trabalho se refe-
re o Padre Serafim Lira, em sua

História da Companhia de Jesus

no Brasil (vol. I, pag. 534).

— *De arti amandi Marianum*

— Livro de clausura, igualmente in-
completo. A esse trabalho se refe-
re o Padre Serafim Lira, em sua

História da Companhia de Jesus

no Brasil (vol. I, pag. 534).

— *De arti amandi Marianum*

— Livro de clausura, igualmente in-
completo. A esse trabalho se refe-
re o Padre Serafim Lira, em sua

História da Companhia de Jesus

no Brasil (vol. I, pag. 534).

— *De arti amandi Marianum*

— Livro de clausura, igualmente in-
completo. A esse trabalho se refe-
re o Padre Serafim Lira, em sua

História da Companhia de Jesus

no Brasil (vol. I, pag. 534).

— *De arti amandi Marianum*

— Livro de clausura, igualmente in-
completo. A esse trabalho se refe-
re o Padre Serafim Lira, em sua

História da Companhia de Jesus

no Brasil (vol. I, pag. 534).

— *De arti amandi Marianum*

— Livro de clausura, igualmente in-
completo. A esse trabalho se refe-
re o Padre Serafim Lira, em sua

História da Companhia de Jesus

no Brasil (vol. I, pag. 534).

— *De arti amandi Marianum*

— Livro de clausura, igualmente in-
completo. A esse trabalho se refe-
re o Padre Serafim Lira, em sua

História da Companhia de Jesus

no Brasil (vol. I, pag. 534).

— *De arti amandi Marianum*

— Livro de clausura, igualmente in-
completo. A esse trabalho se refe-
re o Padre Serafim Lira, em sua

História da Companhia de Jesus

no Brasil (vol. I, pag. 534).

— *De arti amandi Marianum*

— Livro de clausura, igualmente in-
completo. A esse trabalho se refe-
re o Padre Serafim Lira, em sua

História da Companhia de Jesus

no Brasil (vol. I, pag. 534).

— *De arti amandi Marianum*

— Livro de clausura, igualmente in-
completo. A esse trabalho se refe-
re o Padre Serafim Lira, em sua

História da Companhia de Jesus

no Brasil (vol. I, pag. 534).

— *De arti amandi Marianum*

— Livro de clausura, igualmente in-
completo. A esse trabalho se refe-
re o Padre Serafim Lira, em sua

História da Companhia de Jesus

no Brasil (vol. I, pag. 534).

— *De arti amandi Marianum*

— Livro de clausura, igualmente in-
completo. A esse trabalho se refe-
re o Padre Serafim Lira, em sua

História da Companhia de Jesus

no Brasil (vol. I, pag. 534).

— *De arti amandi Marianum*

— Livro de clausura, igualmente in-
completo. A esse trabalho se refe-
re o Padre Serafim Lira, em sua

História da Companhia de Jesus

no Brasil (vol. I, pag. 534).

— *De arti amandi Marianum*

— Livro de clausura, igualmente in-
completo. A esse trabalho se refe-
re o Padre Serafim Lira, em sua

História da Companhia de Jesus

no Brasil (vol. I, pag. 534).

— *De arti amandi Marianum*

— Livro de clausura, igualmente in-
completo. A esse trabalho se refe-
re o Padre Serafim Lira, em sua

História da Companhia de Jesus

no Brasil (vol. I, pag. 534).

— *De arti amandi Marianum*

— Livro de clausura, igualmente in-
completo. A esse trabalho se refe-
re o Padre Serafim Lira, em sua

História da Companhia de Jesus

no Brasil (vol. I, pag. 534).

— *De arti amandi Marianum*

— Livro de clausura, igualmente in-
completo. A esse trabalho se refe-
re o Padre Serafim Lira, em sua

História da Companhia de Jesus

no Brasil (vol. I, pag. 534).

— *De arti amandi Marianum*

— Livro de clausura, igualmente in-
completo. A esse trabalho se refe-
re o Padre Serafim Lira, em sua

História da Companhia de Jesus

no Brasil (vol. I, pag. 534).

— *De arti amandi Marianum*

— Livro de clausura, igualmente in-
completo. A esse trabalho se refe-
re o Padre Serafim Lira, em sua

História da Companhia de Jesus

no Brasil (vol. I, pag. 534).

— *De arti amandi Marianum*

— Livro de clausura, igualmente in-
completo. A esse trabalho se refe-
re o Padre Serafim Lira, em sua

História da Companhia de Jesus

no Brasil (vol. I, pag. 534).

— *De arti amandi Marianum*

— Livro de clausura, igualmente in-
completo. A esse trabalho se refe-
re o Padre Serafim Lira, em sua

História da Companhia de Jesus

no Brasil (vol. I, pag. 534).

— *De arti amandi Marianum*

— Livro de clausura, igualmente in-
completo. A esse trabalho se refe-
re o Padre Serafim Lira, em sua

História da Companhia de Jesus

no Brasil (vol. I, pag. 534).

— *De arti amandi Marianum*

— Livro de clausura, igualmente in-
completo. A esse trabalho se refe-
re o Padre Serafim Lira, em sua

História da Companhia de Jesus

no Brasil (vol. I, pag. 534).

— *De arti amandi Marianum*

— Livro de clausura, igualmente in-
completo. A esse trabalho se refe-
re o Padre Serafim Lira, em sua

História da Companhia de Jesus

no Brasil (vol. I, pag. 534).

— *De arti amandi Marianum*

— Livro de clausura, igualmente in-
completo. A esse trabalho se refe-
re o Padre Serafim Lira, em sua

História da Companhia de Jesus

no Brasil (vol. I, pag. 534).

Varios autores dos séculos XVII e XVIII

(Continuação da página anterior)

Barbuda (P. J.) — Literatura Brasileira, pág. 214.

Fernandes Pinheiro — História Literária — 2.º vol., pág. 421.

Inocêncio da Silva — Dic. bíblico, 1.º vol., pág. 330.

Lery dos Santos — Pantheon Fluminense, pág. 203.

Macedo (J. M.) — Anna biog. brasileiro II, o vinteve... da 1.ª edição brasileiro, 1.º vol., pág. 69.

Pereira da Silva — Os varões ilustres do Brasil — 2.º vol., pág. 343.

Sacramento Blake — Dic. bíblico brasileiro — 1.º vol., pág. 261.

Silvio Romero Hist. da Literatura Brasileira — 1.º vol., pág. 264.

Silvio Romero e João Ribeiro — Compêndio de Hist. da Literatura Brasileira, pág. 80.

Vernhagen — Florilegio — 2.º volume.

Borlido: Antônio Mendes

Nasceu no Rio de Janeiro em 24 de outubro de 1750. Era filho de Francisco Mendes Borlido, português, governador do castelo de São Januário, e de D. Ana Maria Alvaro e Asturias, brasileira.

Tinha 16 anos quando, juntamente com os preparatórios feitos por um professor particular, indo matricular-se no curso de Direito Canônico da Universidade de Coimbra, formou-se, em 1771. Estabeleceu-se como advogado em Lisboa, praguejando o respeito e a consideração de todos.

Era um apassionado cultor da poesia embora nunca se tivesse preocupado em formar livro com suas trabalhos.

Faleceu em Lisboa, em 17 de fevereiro de 1806.

Bibliografia:

— A Casa do Jogo. Ode — Esta no 2.º vol. do Florilegio, de Varriaghe.

— Odis a Dom João de Almeida

— idem.

Pereira, João Manso

Nasceu em Minas Gerais, pelas turmas. Foi encarregado pelo governo de sétimo XVIII. Estudou grego e hebreu e as ciências no Seminário da Lapa, conheceu o verbo da análise do ferro de Ipanema. Soube fabricar vinhos, aguardiante, etc., entalhar móveis, fazer esculturas, etc. Era cavaleiro da Ordem de Cristo. Faleceu no Rio de Janeiro, a 20 de agosto de 1820.

Escreveu:

— Memória sobre a reforma das alambriques ou de em próprio para distinção das águas-cravadas. Lisboa, 1791. 42 páginas. in. 8.º

— Memória sobre o método económico de transportar para Portugal e para a África do Brasil, com grande proveito das fabricações e comércios. — Lisboa, 1798. 22 págs. — in. 8.º. Foi reimpresso no "Auxiliador da Indústria", tomo 8.º, página 331.

— Memória sobre uma nova construção de alambriques para se fazer toda a sorte de distinções com economia e proveito, traduzida do francês com anotações — Lisboa, 1805. in. 8.º

— Carta sobre a arteira artificial estabelecida na vila de Santarém, capitália de S. Paulo, dirigida à corte. Publicada por J. M. da Conceição Veloso — Lisboa, 1800. 19 págs. in. 4.º (n.º 11.950 do Cat. da Exp. organizado pelo Dr. Ramiz Galvão).

— Considerações sobre os efeitos do cambará, do imbe etc. — Lisboa, 1800. in. 4.º. Foram publicadas por J. M. da Conceição Veloso.

* Leme Pontes (Antônio Pires da Silva...)

Nasceu em Mariana, Minas Gerais, depois de 1750, e era filho de José da Silva Pontes e de uma senhora da família Poés Leme. Diplomou-se em Matemáticas pela Universidade de Coimbra, tendo sido colega naquele instituto, do

paulista Francisco José de Lacerda e Almeida. Formados, foram os dois despachados astrônomos da terceira partida de demarcadores de limites do Brasil. Nesses trabalhos teve Pontes ocasião de percorrer grande parte do Brasil chegado aos extremos do Alto Paraguai e do Guaporé. Em 1791 regressou a Portugal e no ano seguinte foi nomeado lente da Academia de Marinha, com o posto de Capitão de Fragata. Foi depois, governador da capitania do Espírito Santo (1793-1804). Era cavaleiro da Ordem de S. Bento de Avis e pertencia à Academia das Ciências de Lisboa. Faleceu no Rio de Janeiro, a 21 de abril de 1805.

Escreveu, segundo Sacramento Blake:

— Construção e análise das proporções geométricas e experiências praticadas para servir de fundação naval. Tradução do inglês. Lisboa, 1783. com 4 estampas. Foi a única obra que publicou em vida.

— Diário das explorações, que fez desde o Rio Branco e suas cabecinas na província do Pará, até a cabeceira do Sururu, Juruena, Guaporé e Juruá. S. Paulo, 1841. Saiu com o Dílio. de Lacerda e Almeida.

— Diário da Diligência e reconhecimento das cabeceiras das rias Sururu, Guaporé e Juruá, que se acham todos debaixo d'água paralelo ao Serra dos Pireneus, em dezembro de 1790.

— Diário diário em memória do Rio Branco e de outras que nela desguoram, consequente à diligência. Tras um mapeo do Rio Branco e vêm assinado também pelo engenheiro Ricardo Franco de Almeida Serra.

— Memória físico-acústica, acompanhada de um mapeo das lagos Gauá, Uburana e Mandacaru, que oferece ao Senhor doutor Alexandre Rodrigues Ferreira, naturalista do serviço de sua magistério, etc. datada de 29-5-1790. 14 páginas.

— Diário da viagem que fiz a doutor Pontes no tirar a configuração, — seguido do: "Diário râzão do Rio Guaporé, 1783. 31 de viagem que fiz s. ex. (o exame e Melo) acompanhado dos pilotos General L. de Albuquerque, oficiais engenheiros e doutores astrônomos, etc., ao cumprir a serra que fronteia a ria, viagem feita em 1783".

— Diário da viagem do reconhecimento da cabeceira principal do rio Barbados, feita em novembro de 1783. 22 págs.

— Diário da diligência e reconhecimento do Rio Paraguai e Rio Verde por ordem do illm. e exmo. senhor Luis de Albuquerque e Melo Pereira e Caceres, 43 págs. — datado de 26 de março de 1789.

— Relatório de uma parte do Rio Paraguai e das lagos Uburana e Gauá datado de 20 de agosto de 1787 e assinado também por Francisco José de Lacerda e Almeida Serra. Dele vem um extrato no exame de uma parte do Rio Paraguai, etc. por A. Leverger em 1847.

— Notícias do largo Xerxes. 10.º. — A. Rodrigues Ferreira possui o manuscrito, que pertenceu a dona Joana T. de Carvalho.

— Considerações sobre o manifesto de Portugal aos soberanos e povos da Europa na parte relativa ao reino do Brasil, oferecidas aos deputados em cortes — manus. de 14 págs. sem dat.

— Carta geográfica de projeção estérica ortogonal da nova Lítilânia ou América portuguesa e Estado do Brasil. 1788 — Esta carta, que compreende todo o Brasil e uma parte da América meridional, é folha a primis, compreensiva de todo o novo estado, foi conferenciada de 1790 a 1798 de ordem do ministério da marinha e negócios ultramarinos, desenvolvida no gabinete do Real Jardim Botânico, e oferecida ao príncipe

do Brasil, dom João. É graduada em seus verdadeiros pontos de longitude e latitude pelas observações astronômicas da costa e do interior, recopiladas nela tanto as próprias configurações do contíguo pelo mesmo astrônomo, como cintas, e seis cartas da secretaria da marinha. Há uma cópia na observatório de Coimbra.

— Plano geográfico do Rio Branco e dos rios Urucapara, Magari, Pariná, Taracá e Mahá que nela desaguam, donde vai nascendo a grande cordilheira de montes que medeia entre o Orenoco e o Amazonas de que nascem os mencionados rios. 1781-1782. — Foi levantado de ordem do governador de Mato Grosso e Cuiabá, colaborando o engenheiro R. F. de Almeida Serra. Está no arquivo militar e serviu muito como a precedente, para a confecção da carta geral do império.

— Carta geográfica do Rio Doce e seus afluentes — foi impressa no Rio de Janeiro em 1806. — antes, em 1802. Brás da Costa Rubin offered uma cópia dela no Instituto Histórico.

— Nova carta do reconcavo maciçimo da enseada da Barra de Todos os Santos e parte do costa do oceano brasileiro desde a ponta de Santo Antônio da Barra até o porto de Garcia de Ávila, etc. 1800. — Existe no arquivo militar. Há mais outras planinas e cartas feitas por o

so, ou com outros.

* Castro, Joaquim de Ananias

Nasceu na Bahia, cerca de 1787 e se doutorou em Direito pela Universidade de Coimbra. Foi desembargador da Relação do Rio de Janeiro Juiz da Coroa e Fazenda, adjunto ao Supremo Tribunal de Justiça na mesma cidade. Pertenceu à Academia Real das Ciências de Lisboa no quadro dos correspondentes. Faleceu no Rio de Janeiro, a 29 de fevereiro de 1817.

Escreveu:

— Memória sobre a cochenilha do Brasil: foi publicada nas "Memórias Económicas" da Academia das Ciências de Lisboa, tomo 2.º, pag. 135. 1790; e em suplemento à "Memória sobre a fundação e castelo de uma fazenda na província do Rio de Janeiro", de Bartolomeu de Paiva Alferes (2.ª edição, Rio de Janeiro 1803) in. 11.673 do Cat. da Exp.

— Memória sobre o malvaço do distrito da ria da Cachoeira, publicada nas "Memórias Económicas", tome 3.º, pag. 391 — anno 1791 in. 11.768 do Cat. da Exp.

— Memória sobre o malvaço do distrito da ria da Cachoeira, publicada nas "Memórias Económicas", tome 3.º, pag. 391 — anno 1791 in. 11.768 do Cat. da Exp.

— História Natural do Brasil, segundo o sistema de Linnaeus, com descrições de alguns animais e characres sobre a cochenilha o tabaco e cítricos, apresentando uma nova prensa ou laminador cilíndrico para o prensar do tabaco em filha, com estanques exatas e etc. — Encerrava-se nas "Memórias Económicas", tome 3.º, 1790.

Na exposição de História do Brasil apareceram duas cópias som as estampas (n.º 11.236 do Cat. da Exp.)

— Relação das madeiras descritas que se comprehendem no término da vila de Cachoeira. Com amostras e estampas exatas das mesmas. Ms. de 84 páginas. in. fol. pertencente ao Instituto Histórico e Exhibido na exposição de História do Brasil e na exposição médica de 1894 (n.º 11.765 do Cat. da Exp.).

— Representação contendo observações sobre a agricultura e manufatura do tabaco, Ms. de 24 fol., existente na biblioteca do Instituto Histórico.

— Tabaco — Memória sobre a manufatura do Tabaco na Bahia (12 de abril de 1788) — Publicações do Arquivo Nacional, vol. IV.

Fontes:

— Artur Mota — História da Literatura, 2.º.

— S. Blake — Dicionário, 4.º.

★

Câmara, Arruda (Manuel de...) Nasceu na vila do Pombal (hoje pertencente à Paraíba) e aquele tempo a Pernambuco em 1752. Era filho de Francisco de Arruda Câmara e de D. Maria Saravia da Silva.

Professou em 1783, na Ordem dos Carmelitas, com o nome de Fr. Manuel do Coração de Jesus. Obteve licença de sua Ordem para ir a Portugal estudar Medicina, e estava fazendo o curso quando lhe sobre vieram grandes perseguições por se mostrar simpático às ideias da Revolução Francesa. Deixou Portugal e foi prosseguir os estudos em Montpellier, concluindo o seu curso.

— Tratado de agricultura (1784).

— Tradução da obra de (Inédita).

— Tratado da lógica, in. 1.º. Insectologia ou coleção sentidos de insetos, vols. 1.º e 2.º.

Na Bib. Nat. há um almanaque com 119 folhas sentindo plantas, pinhaquarela, algumas desenhos lapida e outras a manuscrita. A Câmara e outros (sem texto). Há também o Natural (Insetos), peixes representando ossos, desenhos originais, manuscritos e anotações de Arruda Câmara, sem data, in. 1.º e 2.º da "Catálogo da Exposição de 1822".

Também nos "Médico Brasileiro", in. 1.º e 2.º da "Catálogo da Exposição de 1822".

Também nos "Médico Brasileiro", in. 1.º e 2.º da "Catálogo da Exposição de 1822".

— Ordonha, Diogo de Tomás

Nasceu em S. Paulo em dezembro de 1752, e era mestre de campo Azurara, Arrouche de Barros, D. Maria Teresa de Almeida, irmão de José Arouche de Barros Lara. Formou-se em Lisboa na Universidade de Coimbra e foi aprovado no exame de desembargador do Piso Conselheiro da Câmara Bittencourt e São, o famoso Intendente Câmara. Foi alcaide-mor da vila de Paranaú. Pertenceu à Academia Real das Ciências de Lisboa no volume 57.

Vindo para o Brasil.

Fixou-se em Portugal e se enregou ao exercício da Medicina.

Exerceu, então, várias comissões oficiais, não só em Pernambuco, mas também na Bahia. Como consequência, talvez de suas estudos e de suas pesquisas contra uma rara enfermidade da qual veio a falecer.

Era membro da Academia das Ciências de Lisboa, da de Montpellier, da Sociedade de Agricultura de Paris.

Foi publicada nas "Notícias para a Geografia e Geografia das Nações", tom. 1.º, pag. 127 a 130. Teixeira de Melo transcreveu-a nos "Annales da Biblioteca Nacional", tom. 1.º pag. 265, sem as anotações de Arruda Câmara.

Seus trabalhos sobre o Brasil foram publicados no "Revista do Museu Paulista".

Fontes:

Affonso Taunay — Pequeno

Affonso Taunay — Pequeno

Affonso Taunay — Segundo

Affonso Taunay — Segundo

Affonso Taunay — Biografia

GEORGICAS BRASILEIRAS

Prudencio do Amaral e José Rodrigues de Melo

CANTO PRIMEIRO

Da Lavoura do Assucar

do Brasil, eu vou cantar-vos
as vertentes, o Arundíneos Gomos,
que agrada os confeitos Campos,
lavradores regular da Pátria
na Let, ou semeando estendam
na, ou em diversa quadra
os esmagam, as cortadas Canas;
envidas ou purgarem, e na chama
ou lhe condensem; ou já densas
ou expurguem, te que rijo Assucar
brancura depurados vistam.
e em que tornam prospero a Cana,
ilividado a negue, antes explora,
campo inexperado a Seara fies.
Tende-lhe cesta: a própria Terra
mesma gôr se te declara
o sisudo Indagador as costas:
passo denegritas mostra,
Canas brotara do solo;
entela a da segunda escolha:
fugirás Perém la onde
veras e um tanto a negra tonia,
com pejoso salbro o torrão virez,
e num mais feliz te surge a Cana,
e a somos desdoblando, ultana cresce
Tudo porém, se pelo do terreno
Desvendado vige, antea do tempo,
o sucedido lucro as idas tuas.

O sonho de mais rompeu a Seara;
que em que te alegria, fundo o trabalho,
tudo o esfértil ali a terra
força, desata, e mais a larga,
no primaria o humar demanda
que se amance, e lhe esmoreça
e lanceando antes
fazze que o costume
vestre o campo esqueça,
que primeiro o vistam,
te produza o milho,
calhiceira baixa
Se a attinua o ensaio seja:
da terra bruta
e mais lucrosas
venham as Canas.

o Colono, guiado,
canifera fizera,
Dense que o terreno a justa escolha,
Assim todos diligente arroja
Cultiva mataduras: prostra as negras selvas,
e o espaço estende no novo campo;
Cortadas outra vez em breves toros,
Frequentas pratas ergueras dos troncos;
Deixas que a lignea corsigiao, sofrendo
Entre duas, no calor desseca,
lhe atopo. Vulcano rápido
po todo limpava. Se entanto
Almeja resto ficou da chama escapar,
Juntai-lo; e em um montão repousa
os fios, semestos robres
nos darás a flânea guia
tudo contudo, só na casca
tronco talvez que só duplicado
o resistiu, lidiário o deixa
os ventos, e que as repetidas
o domem; te que, andando os anos,
o enfim à corrupção cedendo,
trazem se torna em cinza inerte.

que, pelas chamas apurado,
as contas te mostrar o campo
ao limpo torrão Cavões membrudos,
o Sol flamejante requicados
A África adusta, e para o peso
os duros trabalhos enjuria
o infeliz, fadada às lidas!
o ferrenha, em vez do bruto
agricultor a terra volvam,
longas os sulcos te dilatam,
prestem quanto presta, o arado
pois desprazer o uso da relha,
Colono arai os campos:
que subterrâneas se esconderam
all das plantas as raizes
sua fibras, que o Cuitor debalde
sidera e a embocada relha;
onde, indôcil gado ficam,
os usos trabalhos impaciente.

visca cerviz e frons peito;
outro o motivo: e porém certo,
ainda nestas plagas vigorara
de o uso, e no lavor dos campos
enchedas quasi sempre usamos,
as nossas armas primas: estas,
quando aguaceiro o África aluno,
todo o corpo valido manejá,
de romper a terra, e os torrões graves
se deva, e desmontar a messa
as armas tais sulcada, pola, a terra

Onde as sementes espalhar te agrade,
Em longas covas se te rasgue o campo,
Não excede diais pés do rego a altura,
A bôca palmos dás, juvenis canas
Ali separamos por certa marca:
Tanto achegando-as entre si, que todas
Quasi se rocam nas extremas hastas;

Depois que assim nos preparados sulcos
Jáver invera a planta, cabe agora
As lacunas encher, e as cavidades
A terra sua chamáras de novo;
Não tanta, que das chuvas repassadas,
Em vez de alentar nociva aos gormes
Com peso e humor de mais tudo corrumpa
No estio, fartarás de terra os sulcos,
Que escavados assim, neles se imbotam
De Apolo as setas; nem nas cheias covas
Penetrantes calores se insinuam,
Nem ardor desmedido os agros torra.
Quanta contudo, O terra lhe rouba este.
Nos sulcos teus insano não reponhas
Se os carregas de mais, tardos e o custo
O terceiro obstáculo romperio os germes.

Regrando, pois, a terra porque ao peso
Não se afogue talvez, da que de leve
Jaza nos regos enterrada a Cana.
Depois que as suas visceras aos sulcos
Vastos restituise cessa um pouco
Em breves dias germinando a Cana.
Os seios desenvolvo, os nos desata,
Cria raias e o temrinho topo
Mostrando as auras, coas eretas hastas
Elo erricado em toda parte o campo,
De Cadmo Verdejar os novedios.
Craerá de novo; quando apavoraram
Messea de lanças o Chelon, absorto
De ver nos sulcos belicas sementes,
Fecundoas de guerra tropa em Campos.

Tais, cerradas falanges imitando,
Veras de fertil chão em luas doze
Os teus canavais surgir, distintos
Nas ordens suas. Ou levado em orbe
As extremas fliceras te arredondo
Situoso rego: ou igualando os lados
Em quadro a modificações, ou te agrade
Melhor a eira na feição de cunha,
Ou da Lua, se o meio rosto brilla,
E em arco circunflexo os raios curva;
Ou em feição quinquelacial as plantas
Te apraza descrever: em todo o campo
Triangular ficou: que lindo quadro,
Que ameno encanto não deleita os olhos!

Quando, pois, das urbanas etiquetas,
E das gárrulas turbas entejado
Solicito temor mordene-te o peito.
O Campo busca; e de elevado monte
As vistas torto aos circunstantes vales.
E com os olhos os campinas mede.
Que deleite não é ver os plantios
Arruinados luzir, e aos duros sopros
Dos ventos, que a Seara undante encrespam.
Como se encram, turbilhões sinuosos
Por todo o campo! Ou quando, aura mais
branda

Sopra, e aspirando com sussurro manso
Brinca nos ares, como se arrispas

Nutante o campo coas cecocias canas!

E quando a sede as visceras te escalde,
Quem colher te obita da vizinha leva
Cortada cana, e sacudidas antes
(Por ásperas) as folhas, a medula
Ou a ferro, ou a dentes desnudando.
No Ambrosia nectar apagar a sede?
Outros cereais, gome a gome, folgam,
Por onde nos articulos distinguem
Rolleo nô a cana; então nos dentes,
Como entalados nos volvéis prelos.
Os roletes esmagam; e mordidas,
E a crebros sorvos esgotadas, secam
As suaves canas. Mas, com tal delicias
Terás somente de enganar o tempo
E as tristes magas amigar do peito.
Quando, correndo Febo as doze estâncias.
Gigantes luzam-te as nascidas messes.

Mas da lida interrupta a voz já escuto;
E a erva, enquanto moles não rompendo.
Nociva abafa largamente as Canas.
E tempo lá os mal-fecundos agros.
Cuidadoso montar: nem sonhante uma
As seiras limpares: três e mais vezes
Insiste cumprir em tão feliz desvelo.
Até que cresca, e com as próprias forças,
Nada indigente de cuidado nosso.
Do nascente inimigo a turma, ao dano
Resistar possa por si mesmo a Cana.
Contudo, nem assim cessar. Colonos!

Nem já linda juqueja a lida tóda.
Outras mil pestes há, há mil perigos.
Que cumpre acatular, e antes de tudo.
Os Celestes furores quando o Estio
Ferveu mais bravo ou desmedida chuva
Funesto é, muito mais o que trouxera

A terra embebêdo: porém contudo,
O ardor imoderado: arte nenhumas
Nenhuma industria modica-lo pode;
Que em pronto não terás nos teus plantios
Por formados canais conduzir fontes,
Ou derivadas linhas, que breve horço,
Ou eira limitada a custo fartern.
E a quem bastando só ténue rocio,
Com urna tridental se mate a sede.

Onde, porém, as Brasilias Campinas
A retortida Zona em fendas greta,
E ardor mais violento as searas torra;
Nem que rompendo do septeno pego,
Os secos campos se inundasse o Nilo;
Debil surgira a messe, e morta quasi,
Ao céu mostrara lânguida a cabeca?
Difficil é a cura em mal tamanhos.
Um meio há só de salvagão: com prantos,
Devotos prantos apagar dos Deuses,
E do Nume offendido as justas iras.

Porque nem no Brasil, tão amplo e vasto,
Segue ua marcha só em toda a parte
Inverno, ou Primavera: antes se observa
Prescrever tempo certo as suas lavradas
Que, designar o céu, se aqui é estio,
Ali frio brumal tudo entorpêce.

Será varlando o chão, frustado empenha,
Mas tu, que os cumes das Baixinas montes
Rasgas talvez, observa quando os vejos
Do Carneiro Frixão Apolo teve.
Que então começará propicia a quadra
De sepultar a Cana. Aperfa a obra,
Té que aos pêmes Irmãos Lacoônides chegue
O próprio Febo. Se em humilde vale
Trabalhas, os indicis dar-te a quando
No concorde Balanca as horas libra:
Cessaria, quando junto for do Capro.

Dar-lhe-as do crescimento ámua demora.
E tanto que este prazo escheu a Cana,
Do seu vigor e robustez se afana.
Tu pompa-lhe, porém, e coibe as foices,
Bem aceleras da colheita os tempos.
Bem que recebas as Calendas próximas,
E te esporeia se remarcado dia
Enumeranda soma, e bem que a Juizo
Irászido sejas, no Credor maligno.
Ou justa diligão prudente engrena.

E a comparência procurastas: ou probos
Dinhreibos Vardes te substituam.
Te aliancem; ou, segundo possas,
Varre as gavetas; faze com que ajuntas
De aqui, d'ali esquadriñadas somas.
Que com o juro seu depõe compenses;
Porque com imaturo ferro a Seara
Estragar-te não forcem, e imprudente.
Da nova sagra as esperanças cortes.

Com a Idade se adoca e avulta, quando
Tendo a Cana o primeiro já medido,
De tudo maduro no ano segundo.
Eu vi em mesmo setim resava alguma
As Canas arrojar-se litusto ferro,
E como, de um só golpe, ao chão enrido
A selva inteira; inteiros arrasar-se
Os agros; e em quanto, impôs apenas,
Removacão a Seara, ou quando idosa
Ao peso encurva de velhice longa;
Igual furor contra elas se acendera
E a nenhuma poupa ávara dixtra.

Tal sem escolha e temeraria a Parece
O letitiero gume a todos vibra;
E com cego rodar moços e velhos
Em um mesma ruina embrarcando.
A quanto encontra, râbida destrue,
Inprudente! que restos preservaste
Para a messe vindoura? porque as vistos
D aquí não lancas no futuro ano?
E quando os prédios, que c'os traís vizinhiam,
Visitando, ali vives espremer-se
Ao fogo berborilar o doce caldo.
E em suas fôrmas ir qualhando o assucar:
Ai! quanto sentirás então dehade
Quão preservado ter quisseres antes,
Certos te siem os rorantes prelos
De haver todos fulado os teus plantios!

Proficius sobras, doude em cada um ano
E nos madiños lenhos comprimida,
Spunco pranto vetendo, esiale a Cana.
Substituído vai unhas das outras
Próvidio as messes; e em ação alterna
Esta pompeia, quando caia aquela;
E co' a restante, reservada Seara
Renovando e nutritiva a espírua tua,
Ai! fita os olhos no futuro incerto
As geiras, pois, que não Verdão presente
Ao corte condenares, dâ que no menos,
Meses dezoito completado tenham.

Curas foices então cumpre se afiem:
Manda-lhe armadas mãos coertes manda
De Segadores. Ma, que as tubas próprias
O sinal cantam a peleja usada.
Ledes avancam, o inimigo hastado
Ferem de perto, e coas felicadas armas
Perseguem: quais o prostam, quais aos om-
bros

O levam; e os que apôs os vão colhendo,
Os celáfids despojos buscam avidos;
E em montes mil de confundido estrago
Os corpos por aqui, e ali jacentes
Em cumulos reple: unir as forças.

Vibrar os braços, pelejar unidos,
Dar cérceos golpes se apressar todos.
D'aquei, qual de ferida, sai seu sangue,
E em doce orvalho se humedere a foice.
Não impune contudo e seu vingança
Baqua a Cana; mas na dura folha.
Que em longa ponta se remata, os implôs
Nem fael de tocar-se, e aspira de trato.
Que o merecem recebe: em toda a parte
Ali se levanta em numerosa guema;
Com sanguentos vergões não poucas vêzes
Os instantes Contrários reducera:

GEORGICAS BRASILEIRAS

(Continuação da página anterior)

E espalhando também estragos, ruinas,
Ruínas, estragos seus dest'arte vinga.
Mas nem por isso menos arrogante
Se atira o Senador as vastas gelas
Os cumes prostra da aruandina selva
Até que vencedor lhe avança a extremo.
Nem as cortadas, e jacentes Canas
E trabalho menor colher no campo.
E em telhas aponta-las; mas não longe
Os vindos achárias, que lentas, brandas
Das costas formarão torcidos laços.
Estas as cordas usais; com elas
Canas doze ligando em cada feixe.
Em carro gemedor as amontoam.
Se, interposto, porém río oportuno.
Distam os prios; em cavado troncos,
Ou em bûtada clima acumulada,
A eles se confundem; lá insta
A recolhida messa a lida extrema.
Alta de tecido em todo o espírito amplissíma.
As que lhe vier de lida a parte Canas
Em hagiógo tecniche idônea Casa.

Aqui o lugar das prelos aqui surge
Assunto mole. Desmaldida roda
Primitivamente esta; onde se emborcha
Bente peso, aquoso, embastecida
De ligeiros raios, e afitada em eixo.
Que d'ambos lados pousa em bronzeo centro
Cresce do meio, e em prolongada trave
Se estaria o eixo, a cujo extremo fixa
Outra roda minúscula na casa.
De giz, mais veloz dentada lida.
Esta, quando se volve intreia o eixo
Com preguicosa vertical volta.
O moto segue as primeiras; e sempre
Que em cima em ordem certa os dentes
volta.

Cos dentes travam de vizinha roca
De vasto seiô orbita terceira.
Sobrepusta aparece; que por isso
Que no ar librada, arrançamento as áves.
Volteia e gira em rapidas passmosa.
Não sem justa razão Volante a dizem
Quantas vezes do mero arrebatada
E da roda menor em torno vira.
E tempos voltendo o eixo exerce
Sotopostos cilindros vai torrendo.
Aderidos três, que vista aénea chapa.
Arredondados e aliados antas
Por mestra mão de Artífice sabido.
E que do meio em concertada ordem
E torno bretem estufados dentes.
Em área que compõem postes quatro.
Com arte colorados, seguros
Por sobrepóstas engravidas vigas.
Aprumo estejam, de supernas traves
Inseridas, e em ferrenas ponta firmes.
Tais os lagares sacarinos sejam.
A roda superior estão suportos.
Aqueles troncos tres, e movimento
D'ela recebem; que abalada apenas,
Enquanto os gizos formas, volte no eixo.
O cilindro do meio, que mordendo
Também os outros, os sua em orbe.

Com as costas, porém, tão conchegadas
Na tricópore mole se revolvem.
Que os mal divide pequenina fresta,
Nem consentem ali impunes dedos:
E se alguém imprudente, enquantos as Ca-
nas

Nos cilindros entala esquece, às vezes
A preguiçosa mão e tão rinc
Não evitos sabido, ai! de repente
Vê subito anaphar-lhe a fresa o dedo;
Depois logo do dedo à mão inteira;
Inteiros vão-se os braços; e de todo;
Em migalhas os ossos passaria.
O próprio corpo, se as violentas águas
Amiga dextra não prenseesse, e obstasse
Com seu entorno as penduradas fontes.
Mas tarde a salvação vem deste alívio:
E conquanto, fechadas as torrentes,
Nada mais d'água corra; por si mesma,
E sem estranho impulso, a voadora
Rotati máquina e correira e o giro
Começado pernas, até que a força.
E a primeira moção langueca, e morra.

Nada melhor, do que se dextira esperta.

Despidito o alfanje, rápida cercla
O preso braço; porque os outros membros
Não trague todos a ruina nítante.

Reposta imigo então vem manso e manso

Atacar; ou apertados olhos;

Em voo; que esses que ali tal obra exercem,

Com rôsticas variadas cantilens

O sono espacum, e o trabalho enganam.

Lungas fabelas na linguagem pátria

Divertidos desfiam; e repartem

As impostas penosas; cubre a este

Chegar ao prelo das Canas; espremidas

De novo, aquela dia, que ali repassem;

E se ainda de licor o suco há restos.

Vai desta arte extraíndo; outro os despojos

E os esvalídos languidos pedaços.

Depois de véses duas suportarem

A profusa pressão, ajunta, e leva,

E em confuso montão os acumula.

Ótimo pasto a sotopostas chamas;

D'onde depois o Agricola procure
Fecundas cinzas, com que aduba os campos.
Tanto é prestável, e utiliza tudo.
E a usos vários aproveita, quando
Não dorme a perspicácia, e a industria e a
lida.

Enquanto corre o Sol com pleno giro
O polo intero, carros vinte e cinco
Cheios esgotia a máquina ligera.
Se o amita, porem, o boi tardio
Mais vagaroso te andaria os prelos;
Mais, muito a obra presta essa demora.
Entre o tardio girar sofrendo a Cansa
Mais longa compressão, melhor se esgotia.
Que não rodar veloz, tocada apena.

Corre, aíem disso demudado suco.
Quanto vasos nenhumas receber possam.
Nem bastem a coste-las; e as mãos exceda
Exceda intensa os operários todos;
Siso, que se neo purga e o jogo a tempo.
Em impuro ardume degenera;

Ele já corrappa; e esperdendo estorcos

Tais se combinam pelas lida e proveito.
Que quanto esprematem de licor os prelos
Em cada alternâcia, tanto oportuna.
A chama, as tuchas apurar te passam.
Por isso a lida cobre d'amplo margem.
Aos prelos sotopostos, se encaminhe
O sacarino humor. Plantas nenhuma
Nenhuns incêndios nesse vaso o nastam.
Antes, ligado canal d'áí se estende.
Por onde a extinção inútil se apresenta.
Sobre formilhas seis d'áí vao longe.
Ferva ampla casca e com oculos fogos
Ensaídos imposta caldeirões aeneos.

As lidas em cada abobadão encerrado.
Janelas duas dizes das espiráculos
Róis parede a um lado patenteia
Entradas seis, por onde cuidadeas.
A lida, e auxílio de robustas bastes.
Lancam os servos corpinhos toros.
Fundamentos a pira; exato cumulam.
Dos seus troncos cortadias as ramagens.
Secas palhus lha ajuntam, porque o fogo
Arda mais alto, perturbando a chama.
O enervado licor o entrespre, empole.
E mais o irrita em borbulhantes ondas.
Esta prima fervura as crassas fezes
Chamando aos sumos lábios, lanza, en-
terna;

E as que no fundo inúmeras assentam.
Por si se espumam na caideira undante.
Também entanto destinada dextra
Val o sordido caldu transfundindo;
E com abôico crivo em toda a parte
Colhe as nadantes fezes, e aturada.
Agitando e volvendo a espumosa tacha.
Lhe dás que arroja a impuridade lida.
Que de infecto licor buscará o fundo.

Ajuntam-lhe também acre lixivia
Por cuja força, se ainda algumas restam
Fezes, se apartam, e o licor se apura.
Meia hora gasta esta primeira lida.
Mas depois que alvejou mais limpa espuma.
E as bolhas descreceram, diligente.
A caldeira vizinha as doces ondas.
Assucarinda não qualificada, muda.
Ai então com mais cautela e escrupulo
Se expurgam as relíquias, e com lenta
Cocção se apurem as sordices lidas.
De novo o crivo embibe; e a fóia espuma.
Colhe de novo; espuma, que desfeita
Em linta moderada, ao atibundo
Com suave bebida na fauces banha.

Enquanto o doce mar na tacha ferre,
Os coaderes lhe apressam; em outro vaso
Impõe crivados linhos; por onde
Abre a textura rarescentes meatos.
Transmiti-lo-a: a parte mais delgada
Passará; não assim a que mais crassa.
Que o condolo ficará constante.
Destá arte coado, condensá-lo cuidam.
E chamas novas ao licor acendem.
Novos cobres aprestam, não tão amplos;
Mas que grandes bacias arremedam:
Dada um tem seu mistério; cabe ao primeiro
Purificar os recebidos sucos;

Cozê-los ao segundo; é do terceiro
Brandamente adensá-los; adensados
Urge-o o último; e subindo o ponto.
Iguais os torna ao pegajoso viso.

Empenhar-se a arte agora; eia, cuidado.

O vés, que a obras tais regeis a marcha.

As lides todas todos os dezelos

Neste objeto apurá; em nenhum outro

Mais dana a culpa, e tanto empêce a
incória.

Vezes não poucas inexperto na arte
O tirânculo Mestre Ilude, perde

Exantas lidas improba trabalhos.

Aquela obra requer peritas dextras.

Firmes com todo o corpo agitam, versari

Com uma e outra mão amplas colheres

Pelo uso sagaz longe-amestradas.

Em cabo extendo fixas; continuadas

Alto subindo, e recaldando, exercem

Aos ares levam largam-nos dos ares.

Nas tachas os assucareis mergulham,

Reviram-nos de novo, batem, turbam.

Confundem, volvem, e revolvem tudo.
Mas isto ainda não basta; frio cobre
Os ferventes assucareis recebe;
Porque amornando pouco e pouco, deixam
O calor desmedido; e separados.

Longo das chamas, a qualquer começem.

Por nova agitação longa versados.

Admira esta moção quanto aproveita
A encorpolar a sacarina massa;
Condensa-se, e o frequente movimento
Mais pegajosa fleia; e tenaz grade.

E em enrijadas crostas se reparte.

Assim que espesso em crostas, quasi rijo.

Em densas partes o livro observam.

Em formas lancam de cozido barro:

Que c'ea ponta no chão firmada, nos areia

Voltada mostram a espaçosa base;

E outras tantas pirâmides inversas.

Em longa ordem imitar parecem.

Sublimados depois repõe-se os vasos

Em longas tâboas, onde aberto assento

O fundo lhe acomoda. Aqui depositos,

De humida greda a sua boca lhe enchem,

E ungem de barro; esta útil descoberto

Os assucareis purga um tanto fuscos.

E à rima enrijidas diluidas chamas.

E se a pública voz crença merece.

Li neutrals eras foi nelada esta arte

Com apoio feliz; autora contam

Da profusa invención certa galinha.

Que engraxito por acaso aos pés lampos

Sobre os assucareis desiqueta leva.

E com madido bica os esgravata.

O uso mostra os os ungir com barro

A parte em que os vestidos più lodoses.

Largo branqueia, e em cor discorda as eu-

tras;

Emula ficas da pruínosa neve.

Isto talvez algemus esperando

Em uso convencion; e desses prazo

Luzin no assentir candida beleza.

Porque menos san brilhar a alvura, e o

peso

Nos sacarinos pés não diminua.

E militam no Colono as esperanças;

Da greda se não faça uso imprudente.

Quando mal os assucareis coalham;

Nas formas suas, dias dois se menos

Inteiros se retardar, en quanto o frio

Congelados de todos os endureça.

Depois, onde a forma a intimia parte

Se estende abaixo do furado leito.

E há ténue fenda, as visceras escuras

Com cravo bipalmar se va do assucar.

Porque quanto de humor nelas oculta

Mal crasso resta, por ali desíze.

E a usos vários noutra parte o guardem.

Que te fluminho humor largo humedeca.

Então o assucar ungrás, e longos

(Se n'ho tiveres antes estendido)

Canais na terra estenderam, que todo

O mel recebam, que escorrer; e o mandem

Em tanques repousar alti-cavados.

Assim que pela linfa conduzido

Lento penetra as visceras o barro.

E manso e manso todos os meatos

Afróixa co'a fricção, a fio corre

Meleco suor por toda a parte em rios.

E lotos nimbas val chovendo o assucar.

Porém não deixes que a lacuna lida

No interlo espaço seu se arrase dcíes.

Vezes não poucas o livo travesso

Guardar não pode placido remanso;

E subindo espumoso do imo fundo.

Os fins marcados transcendem se atreve.

Este mal tem contudo o seu remedio:

Util será para domar-lhe a fúria.

Com expresso limão ir gosta a gôta

Borrifando o licor, quando entumeça.

Té que lhe aos poucos esmoreça a ira;

E depende o nocivo movimento.

Fechando aprenda a socregar de novo.

Quando, enfim, do suspenso meteo fluxo

Cessarem os assucareis, e os supostos

Canais humedecer gôta nenhuma

Deves entar as arglossas crostas.

Que impostas resiam, arrancar, e exato

Os pés sacareos a limpaz por cima.

Isto é pouco; os assucareis mal-brancos

Com apto ferro caváras um palmo;

E em torno aos lábios repôs do vaso.

Como em truncheiras, a cavada massa.

Assim facil entrada ao ar tranqueam.

Os húmidos assucareis, e exalam

Mais prontos lida as embebedas ondas.

Então, depois que Lucifer nascendo

Vézes três dissipar da noite as sombras.

Em seus lugares comproras a tides.

E comprassas de novo, unge-nas com lôdo.

E quantas vézes Véspera ardória

O Olimpo te sumir, tantas lhe presta

Mão benfeitora, e ténue linfa os regue.

Tanto porém que o pão sacareos viras

No vaso assim diminuir, que um palmo

Descidio tenha, novas ondas poupa.

De greda os restos para longe atrira.

E dá que isento das diluidas fetes.

Cessando a linfa, petrifique o assucar.

Entanto, se aprovver, mas éneas tacadas
O já colhido mel recocer mundu;

E quando em concussão creba agitado,
Prequisoso correr, em têreos vasos

Reportar então, e em novas medas
Ve-lo-as coagular: com legal barro

E modo igual estes assucareis se

Então no coto, quanto no pô,

Submetem-se aos primeiros, e ressuscitam
Langido mel, humor degenerado.

D'onde assucar nenhum mais te d'ida.

Podes também (se o outro uso deseja)

O mel em têreos vasos esconde;

Com agua mistura-lo, e diluido.

Quando a seu tempo, bastardeando

Ligno balde o receba e enciase;

Em concavo metal, vacano lento

Adelgaceando-o va, té que em vaga

Temas subindo a abobada do vaso

Por longo dia desviado corra;

E recebe estando audioso gesto

Quanto aos Escravos este copo

Vintens d'aquei d'ali respondendo

A África plebe; e os que o traíram

Indústria,

Ou lhe a fortuna da cibana

Tudo esperdido por escasso cobre

Com que as fances a largos copos

Em numerosas vidas embriagam

Do beber desregado, ali d'urto

Sob ferro (negado miserabil)

Quem recorre o mel se apura

Em copos los servos preparar, os

Com amba e outra coisa; entro chafariz

Cumpre ajuntar-lhe visitar as

Os guterres pés; e com que

As torpes fezes observar escorrem

Depois que o flavo humor para a vaga

É tempo lá desenformar o vaso;

Mas vê não chova, ou só chove

Proximos nimbos anuncie Febre

Livres das formas, prontas para a vaga

dem.

Com apto ferro cortam-no em pedaços

E as livres auras de fagueiro dia

A dessecar o espalham, e colocam

Té que quanto de humor lhe resta aliada

Penetravel extinga o ar, e a calma

De manhã, pois, em rodíz

O Clube do Cupim

Ligelros apontamentos para a história da Abolição em Pernambuco

CARNEIRO VILELA

Quem se dispuser a escrever a história do movimento abolicionista em Pernambuco não poderá deixar de estudar largamento o Clube do Cupim e de fazer-lhe um relato peneirado porque um dos principais fatores senão o maior daquele movimento brasileiro foi incontestavelmente esse clube.

Saiu do campo abstrato de propaganda, como está há havia por vez abandonado e de simples aspiração patriótica, se tornou o Clube um poderoso ideal abolicionista de fato convertido ao seu que havia chegado o do res: non servir.

Na mais avultada ação imediata, repleta de abnegação e veia de inexcedível dedicação, o Clube do Cupim, quase formado de elementos muito populares, baldo de todos os muiorios, de prestígio político e outras prestações que sólitas, mas cheio de fôlego, saiu em favor da qual lutava juntamente com por um patriotismo nascido de um ultrajamento todo exponencial — todo espontâneo, que era o resultado de um estudo metódico, subordinado ao interesse da seita.

Este elemento popular, sendo o que sempre nele preponderou, foi o que o fez querer que, de princípio, se desprendesse da imensa importância da sua luta a travar, e nela o seu corpo e alma assumindo responsabilidades arriscadas e riscos, desde a edificação da maioria escravista, o que era o risco moral de futuras consequências desastrosas e a cadeia, o que

constituía o risco material, mais ou menos eminentes.

Correspondendo às aspirações nacionais vindas já de tempos longínquos, entretidas sempre pelos ideais acadêmicos da mocidade, existiam diversas associações emancipadoras que por ocasião de suas festas aniversárias ou das festas nacionais, iam dentro dos moldes conservadores, libertando alguns escravos por meio de resgate ou por compra das respectivas alforrias, si bem que algumas houvessem voluntários. Era lento, porém, esse movimento e já não correspondia aos ideais que paulatinamente se fôra modificando ao impulso de Patrocônio e Joaquim. Na época, no sentido de se considerar o senhor já bastante indenizado pela posse e exploração da sua propriedade escravista. Já não era bastante a emancipação, era urgente a abolição. O processo conservador tinha de ceder o passo ao liberal.

João Ramos e poucos mais já iam ampliando, por conta própria, a ação daquelas associações emancipadoras. O presidente de uma delas supõe que o Dr. Gomes de Mello mandando chamar o patriota guarda-livros, o intemperado leitor de escravos, expôs-lhe e procedeu, afirmando que assim prejudicava o funcionamento das associações, chamando para elas a adesão e fazendo com que se adotassem as esportulas com que soliam indenizar os senhores pelos libertos com que ornavam as suas festas.

Foi desta contrariedade que nasceu a idéia da fundação do Clube do Cupim, João Ramos desagregou-se das emancipadoras, retraiu os seus serviços negando-lhes o auxílio e o seu concurso. Queria

o mais, não podia concordar com o menos. Convocou imediatamente ao dentista Numa Pompilho, patrício sem jaca, de coração sempre aberto para os grandes sentimentos. Guilherme Pinto, entusiasta andauz, Alfredo Pinto Vieira de Melo, então acadêmico ainda, Fernando de Castro Lage e outros, e no dia 8 de outubro de 1884 fundaram eles em casa de Numa Pompilho, à rua Barão da Vitória n.º 54 a sociedade não emancipadora, mas abolicionista, denominada Relâmpago. Foi este relâmpago que acunhou o ralo que havia de fulminar a escravidão em Pernambuco.

A Relâmpago, a exemplo da Maçonaria, era sociedade secreta tinha suas suas toques, palavrões sagrados, de passe, e outras meias de reconhecimento. Mas como houvesse um sócio que não guardasse o necessário sigilo, depois de eliminado ele, propôs João Ramos em sessão de 15 do mesmo mês e foi unanimemente aprovado que a sociedade mudasse a sua denominação para Clube do Cupim, alterando-se ou substituindo todos os sinais, palavras de passe, etc. Numa fôra dado a uma associação de tal espécie uma denominação mais apropriada e sugestiva. Como aquela nevropetro ou ferrofítico o novo Clube ia trabalhar na sombra a coberto das viatas alheias e minar carcomendo roas e minaz, o próprio cerne da nefanda árvore da escravidão.

Fundou-se o Clube do Cupim com vinte sócios efetivos, que foram por nomes de guerra os das vinte províncias do Brasil. Inspirando-se na admirável organização da Carbonarida, cada um destes sócios, tinha às suas ordens um capitão, este um sub-capitão, que, por sua vez devia ter às ordens ou comandar a vinte auxilia-

res, os quais todos tomavam por nome de guerra o de qualquer localidade brasileira. Foi assim que o Clube do Cupim, conservando sempre os seus vinte membros efetivos, dos quais saia uma comissão executiva de três a cinco, chegou a contar um corpo efetivo de trezentos e tantos auxiliares, cada qual mais dedicado, cada qual mais ativo, todos impiedosamente soldados.

Não tinha estatutos, sendo o seu único fim a libertação do escravo. Por todos os meios.

Eis os nomes dos seus instaladores, com os respectivos nomes de guerra e os competentes capitães: João José de Cunha Lage, — Amazonas; capitão Ezebio Colmara (Caxangá); Fernando de Castro Paes Barreto — Maranhão; or João Douto, (Tamarineira); João Ramos — Ceará; cap. Juvenal Machado (Acaraípe); Numa Pompilho — Rio Grande (Guanabara); Cap. Sebastião de Arruda (Mucuripe); Guilherme Ferreira Pinto — Pernambuco; Cap. Verissimo Doce (Aracaju); Alfredo Pinto Vieira de Melo, — Minas Gerais; Cap. Antônio Cearense (Maranhão); Nuno Alves da Fonseca — Alagoas; Cap. José de Matias (Lins); Gaspar Costa — Rio de Janeiro; Cap. Joaquim Farías — Rio Grande do Sul; Cap. João Capela (Beberibe); Luiz Gonzaga do Amaral e Silva, — Goiás; Cap. Ruyto Pereira (Amapá); Manoel Joaquim Pessoa, — Rio Grande do Norte; Cap. Luiz Feliciano (Gericí) Alfredo Ferreira Pinto, — Bahia; Cap. Dionísio Bastos (Paraíba).

Entraram posteriormente a instalação, completando o número de vinte: — Wenceslau Guimarães — Paraná; Cap. José Bezerra (Timbó); Sales Barbosa — Paraíba; Cap. Manoel Francisco Serrinha; Dr. Barros Sobrinho — São Paulo; Cap. Francisco Paraguai (Zumbi); Dr. José Mariano — Espírito Santo; Cap. Nicolau (Jaú) — Rio de Janeiro; Cap. Antônio Trindade (Itapissuma); Antônio Ferreira Baltazar Sobrinho, — Santa Catarina; Cap. Luís Napoleão (Guanarepe); José Manuel da Veiga Seixas, Sergipe; Cap. Manuel Vieira (Trancoso); Argemiro Falcao — Piauí; Cap. Israel da Barros (Carmo).

Não havia nada de mais popular, com efeito. Foi tal o entusiasmo, era tal a atividade de toda essa gente, que meses depois o Clube do Cupim contava com anuários dedicados em todas as repartições públicas da Província, na Secretaria do Governo, na da Polícia, nos Tribunais, na Alfândega, no Correio, no Quartel General, nos Quartéis da Linha e no da Policia, Telegrafia, em toda a parte, enfim. Os capões iam exercendo a sua ação e propagavam-se multiplicavam-se.

Foi então que agindo em silêncio, como que nas trevas, com o rigoroso sigilo de bons conspiradores, que se atiraram o fruto dos escravos, no princípio de um a um, depois aos dois, aos quatro, e mais tarde aos dez, até chegar à fábrica interior dos engenhos, alguns dos quais quasi ficaram despojados.

O auxiliar Lino Faísca disfarçava-se em vendedor de fumo, penetrava pelas sentinelas, permitia os encontros e ai induzia os escravos à fuga, guiando-os depois para o Recife, onde o Clube os recebia e lhes dava destino para fora da Província.

Fernando de Castro, então acadêmico e orador do Clube, ia passar as férias no engenho de um seu tio e tutor, e dai furtava os seus

(Continua na página seguinte)

AUTORES E LIVROS

Propriedade de MUCIO CARNEIRO LEAO

ASSINATURAS

Assinatura anual com registro Cr\$ 45,00

FASCÍCULOS AVULSOS:

Dois Volumes da 1.ª fase (I a VIII) Cr\$ 50,00

Dois volumes IX e X Cr\$ 5,00

Do volume XI Cr\$ 4,00

Brachura dos volumes IX e X Cr\$ 100,00

NÚMEROS ATRAZADOS

Avenida Almirante Barroso n.º 72, 13.º andar. Telefone 22-9061
Fone 2. Trata com Sérgio Pinheiro.

Endereço:

Rua Fernando Mendes, 7 — 12.º and. — 37-9527

RIO DE JANEIRO — BRASIL

IMPRESSO NAS OFICINAS DA IMPRENSA NACIONAL

"SÃO PAULO"
COMPANHIA NACIONAL
DE SEGUROS DE VIDA

Sucursal no Rio de Janeiro — AV. RIO BRANCO, 173, 10.º

DIRETORES

Dr. José Maria Whitaker
Dr. Erasmo Teixeira de Assunção
Dr. J. C. de Macedo Soares

AÇÚCAR DIAMANTE

O MAIS PURO
O MAIS ALVO
O MAIS SECO

DISTRIBUIDORES EM TODO O BRASIL:

Companhia Geral de
Melhoramentos
em Pernambuco

ESCRITÓRIO: RUA DO BRUM, 85 — CAIXA POSTAL 257

RECIFE

INSCRIÇÃO N.º 64 — RIO FORMOSO

PERNAMBUCO

O Clube do Cupim

(Continuação na página anterior) próprios escravos, sem que os seus paisentes suspeitassem. As ordens que a chefatura de polícia dava para a captura dos escravos fugidos, bem como as medidas tendentes a neutralizar a propaganda abolicionista eram transmitidas em sifra ao Clube do Cupim, de forma que, quase sempre, aquelas ordens chegavam como os curabreiros ao Oficinal.

Nem se considera o sistema, com a sedenta acusação de deslealdade e quejandas, principalmente hoje quando vivemos em uma república que foi feita exclusivamente pela deslealdade. Na guerra como na guerra, o único lema do Clube do Cupim era libertar os escravos por todos os meios. Todas as armas eram boas e legítimas para fazer triunfar uma idéia que era um patrimônio da civilização, e que só entre povos barbares poderia deixar de ter adeptos. Demais, o governo nas paroxismos da raiada lacava mão de medidas opressoras, tirânicas; ate contra a idéia triunfante e o Clube tinha igualmente que lutar não só de todos os meios ao seu alcance, para neutralizar essas medidas, não dispondo de força para opor-lhe com aquele sistema estava justamente no seu papel e justificava o seu nome, era cupim, como cupim procedia.

Orá, nessa hora que se travava sem bulha, em a qual estava de um lado a força com todo o seu prestígio, com todo o seu poder e do outro a astúcia, o ardil, a provisão e a utilidade que de episódios se deram, formando-lhe a característica.

A história do Clube do Cupim não pode, pois, deixar de ser uma coleção anedótica, em que se enfejam todos os fatos, urrascadas uns, burlescos outros, que foram o resultado da sua ação coletiva ou parcial, mas rigorosamente legítima e patriótica.

Como por várias vezes a sede em que funcionava fôrta invadida ou cercada pela polícia, o Clube do Cupim já não tinha sede para as suas sessões; reunia-se em tóis a parte ora sob as gomeleiras da Lingueira, ora sob as da rua do Imperador, no meio das pontes nos fundos de qualquer armazém ou venda, nas lojas de cabaleireiros, no meio da rua, ate destrôno no palácio do governo, fôsse onde fôsse... Em qualquer ponto, reunia-se a comissão executiva, discutia, deliberava, dava as suas ordens aos cupides que por ali rondavam e estas eram executadas com brevidade com inteligência, em integra.

O intermediário habitual da comissão para os auxiliares era quase sempre o Sebastião Grande, o Arruda ou o Juvêncio Machado ou o Lino Falcão... uma trindade de heróis, sem rios de sangue, nem apurados belicosos.

Reuniões os negros ou os ingleses como os chamavam, e escondidos, ora na panela dos Afifios na casa onde mais tarde colocaram uma lápide comemorativa, ora na casa de José Mariano de Barros Sobrinho, D. Leonor Porto, Hotel Oriental de Antônio de Moraes, ou em qualquer terceiro ou quarto andar desocupados, com exaltos para alugar que eram conservados, ai esperavam pelo dia de embarcarem para Mossoró, Aracati ou Fortaleza, consignados aos chefes abolicionistas destas localidades, e dall elas, aos poucos, a noite alguma, caracterizados, disfarçados de marinheiros da armada de soldados de polícia, de pacatos operários e assim iam escondidos por João Ramos, Numa Pompilio, Barros Sobrinho, Guilherme Pinto e outros e mais uma invisível alcaeta de cupins auxiliares, armados de canos de espargidura à guida de bengalas, vigilantes e prontos para o que desse e viesse. Mas as medidas eram sempre tão bem tomadas, que nunca se deu um conflito sério nem sangrento. E verdade que a soldadesca do corpo de polícia era cupim, como o foram muitos sub-delegados, dentre os quais é de justiça destacar como ben-

meritos o Demétrio Coelho, da Capanga e Costa Lima, do Espírito Santo.

O primeiro embarque teve por colaborador o carnavalesco e morete Francisco Lauria, que em casa, como uma alagada, uma escrava do Barão de Jabotão, e para a sua alforria chegou a oferecer ao ilustre titular a quantia de um conto e seiscentos que foi recusada arintosamente, dizendo a barão que era desejável querer a sua escrava libertar-se. Ora, o escravocrata precisava de uma licença. José Mariano conseguiu, dando a mão à referida escrava e ajudando-a, fazer-lhe passar da veranda da sala de dentro da casa de Lauria para a varanda da casa de Júlio, à rua da Imperatriz. Ai estavam de escrava o João Ramos, o próprio Lauria e a escrava, devidamente fantasiadas, partiram da baixa verde, atravessaram toda a cidade, impunemente já se vê, e embarcaram a moça na escadaria do cais da Regeneração em uma barcaça que seguia imediatamente para o Aracati, comandando-a ao negociante Antônio Rodrigues da Silva Figueiredo.

O bom êxito desta primeira façanha encorajou o clube para as outras e então não houve más a medir.

Dias depois, havia uma leva de vinte ingleses embarcados na barcaça Apody com destino a Mossoró, e à última hora apareceu o escravo a boleiro do Dr. Francisco Beltrão, por nome Matias, querendo por força seguir naquela barcaça. Debandou ponderoso João Ramos que era perigoso a ida dele para Mossoró aquela ocasião, não só porque sendo filho dali, era ali muito conhecido, como também lá estava entâo convalescendo o José Beltrão, que o reconheceria. Mas o Matias recalcitrante, iludiu a vigilância e embarcou no Apody, seguindo viagem.

Ora o Xico Beltrão, ao dar por falta do seu escravo e boleiro, no dia seguinte pela manhã, revolveu céus e terras e chegou a saber do ocorrido. Correu ao telegrafo e telegrafou a José Beltrão pedindo-lhe para mandar prender o Matias na barra. Areia Branca, ao chegar a barcaça.

Mas também apenas fôrte expedido este telegrama, recebeu o João Ramos o seguinte aviso do telegrafo: "Moura na Costa". Era a senha e mandara-lhe o telegrafista cupim Júlio Falcão de saudosa memória.

Que fazer? Não era só o Matias que estava em perigo eram os outros vinte ingleses. O João Ramos e os seus companheiros passaram o seu mau quarto de hora: porém a mussa da abolição não os abandonou nesta circunstância, como não os abandonava nunca, e João Ramos inspirado por ela, corre pessoalmente ao telegrafo e passa a José Beltrão o seguinte telegrama: "Matias apareceu. Sem efeito despacho anterior. Francisco Beltrão".

Estavam salvos os vinte ingleses e com eles o Matias, que de Mossoró passou para o Ceará, sem que ninguém o incomodasse.

Havia sido furtada do barão de Aquas Belas uma bonita mulata, de que ele tinha saudades por lhe fazer ela muito bom doc, segundo pregava o próprio titular, que, além de a recomendar à capture da polícia, se pôs a procurá-la vigiliando por si mesmo a ponte do Recife, os cais e as ruas que levavam aos embarcadouros. Os cupins, porém, não se atropelaram com semelhante vigilância.

No dia do embarque, rebocaram a mulata do pô de arroz e carimbaron-lhe um aspecto de verdadeira inglesa ou antes de uma francesa, vestiram-na no trinque, puseram-lhe um chapéu da moda. A barcaça devia levantar ferro a boca da noite por causa da mare e era forçoso fazer-se o embarque à tarde.

Não tem dúvida. As cinco horas e meia, Azevedo Marques dô o braco à rapariga e com toda a naturalidade se dirigiu para o Recife:

ao chegar à rua do Crespo, calçada do Krause, quem há de ele encontrar? O Aguas Belas. A mulata estremeceu e murmurou:

— "Mea Senhor!"

Mas José Marques não se atreveu: passa rente com o titular e o cumprimentou alegremente:

— "Senhor Barão!"

— "Sethor Marques, minha senhora..." responde o Aguas Belas, tirando-lhe o chapéu. Falou e afavelmente os cumprimentando, sem suspeitar sequer que sob aquele involucro se apresentasse a sua...

João Cordeiro, o chefe abolicionista do Ceará, in de passageiro para a Corte e a bordo o fôrca cumprimentar uma comissão composta de João Ramos, Barros Sobrinho, Numa Pompilio e outros, e quando estavam cumprindo a incumbência do Clube do Cupim chega apressadamente ao vapor o Guilherme Pinto com a notícia de que a polícia dera cerco a casa nº 44 da rua do Imperador, e do respectivo terceiro andar tirara os ingleses que lá estavam reuniados em grande número, recolhendo-os a Casa de Detenção, a fim de serem restituídos aos respectivos señores, quando reclamados.

Mas quem denunciaria o roubo?

Averiguando o caso, veio a saber-se que fora uma rapariga de vida atraída, chamada Vitoria, moradora no segundo andar da casa referida a qual aborrecida com o barulho que os pretos faziam, perturbando-a no tranquilo gozo de sua vida, dera denúncia à polícia.

Ora, corrido o terceiro andar por João Ramos e Guilherme Pinto horas depois do varrejo policial, verificaram estes que haviam escapado à captura alguns escravos, por estarem ocultos num socavão do sótão, onde a polícia não fôrce, deslumbrada e satisfeita com a boa presa dos tantos outros. Era urgente tirar dali aqueles cincos ingleses, pois a casa ia ficar de si e a tal vizinha não era de cassada. Mas a remoção só podia realizar-se à noite, alta-noite.

Que fazer então para não atrair suspeita na denunciante?

Em sessão realizada sob as gomeleiras da rua do Imperador, e a que assistiram José Mariano, Barros Sobrinho, Numa Pompilio e diversos auxiliares que comentavam apenas o caso, foi resolvido que dentre os cupins solitários se sorteasse um para passar a noite com a Vitoria a fim de entreter-l-a enquanto os outros tirariam os escravos e dar-lheiam destino. Lançada a sorte, caiu ela, num dos mais arrebatados rapazes daquele tempo, cujo nome omitimos aqui não só tenta a natureza do serviço prestado por essa ocasião à causa da humanidade, como também pela posição social que hoje ocupa e principalmente porque sendo um exemplar pai de família atualmente queremos evitar ciuidades retroativas.

Mas sendo ele o cupim mal-quebrado do grel e confessado nobremente a impossibilidade penitenciária de levá-lo a efeito o mandado da sorte, fez-se uma bôsa por entre os risos da galhota, e la noite velha enquanto ele entregava a Vitoria com os fulgores do seu talento, talvez categóriamente, o Guilherme Pinto e o seu capitão Veríssimo Doce (Aracati), de pés descalços, subiram ao terceiro andar e de lá tiraram surpreendentemente os pobres negros que receberam na rua por diversos auxiliares, foram distribuídos por diversas bôsas e por diversas casas com todas as cautelas até que puderam ser despachados para terra da luz que era o Ceará.

O Queiroz Barros a fim de evitar a fuga dos escravos para o Norte, havia proibido que embarcassem pessoas de cor sem o competente passaporte, e o Clube Cupim, em represália, mandou que fosse robada a unica escrava que ele possuia. Encarregou-se da empresa o Juvenal Machado (Acaype) capitão de João Ramos, levando a preta para a casa de Amélia de Barros, atriz-moradora, cremos que na rua da Senzala. Mas como embarcar-lhe se a polícia estaria vigilante e Manoel Maior, chefe miserável dos capitães de campo, tinha os sinais da que era uma bonita criado verdadeira peça — e andava mendigando pelo embarcadouro.

Salvou a situação o seu auxiliar, mais que o da mulher de Barros vestiu a roupa de balinha, com todo o rigor, e faleceu-lhe as missangas de cor, a cabeça de crivo e o turbante, assim fantasiada seguiu para o Forte de Matos, e barcou sem que pessoa reconhecesse. João Ramos trouxe-a no trajeto pela rua e não a teria conhecido se a propriedade não lhe tivesse pedido.

Seria um não acabar de referir agora todos os modos dignos de menção e o esbanjar os diversos ardós postos em rebuscas pela imaginação fertil do cupim para levar d'ante os propósitos. Não nos furtaremos, no prazer de narrar, d'entre os muitos que foram a acervo dos nossos apontamentos documentados, e teremos certeza do êste esboço que já vai longe.

Do engenho do barão de Barros havia sido robada uma mulata inteira de estimação constante de mês, uma mulata quasi branca e onze filhos, dentre os quais algumas inglesas por fôrça da lei de 28 de setembro, mas que só podiam ser separados da mãe para esta os queria deixar. Ocupava em casa do benemerito de Paula Maia — esse personagem bacano de alma grande e coração aberto a todos os nobres sentimentos. Tinham de embarrancar todos e era preciso achá-la meio a umas.

Uma família de doze pessoas, João Ramos remota o caso, quando ele cobriu uma barcaça que lá pôs Mossoró, um velhinho, um tanto respeitável, e, sabendo por indicação prévia que ele não era inferior a abolicão, inclinou-o a procurar o guarda-mor da Alfândega e o próprio Inspetor, em companhia

(Continua na página seguinte)

COOPERATIVA DOS USINEIROS

DE PERNAMBUCO LIMITADA

UNICA RECEBEDORA E DISTRIBUIDORA DO AÇÚCAR DE PRODUÇÃO DAS USINAS DO ESTADO PELOS CENTROS DE CONSUMO DO PAÍS E DO EXTERIOR

ARMAZÉNS PRÓPRIOS PARA RECOLHER: AS RUAS DO BRUM N.º 248 E GUARARAPES N.º 113

Capital subscrito..... Cr\$ 4.966.100,00

" integralizado Cr\$ 4.877.200,00

Fundo de Reserva.... Cr\$ 986.466,70

RECIFE — PERNAMBUCO — BRASIL

Escrítorio no Rio de Janeiro: — Rua da Candelária n.º 9 — s/301

Em São Paulo: — Rua Alvares Penteado n.º 180 — s/509

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO: — José Pessoa de Queiroz, Presidente; Armando de Queiroz Monteiro, Secretário; Luís Inácio Pessoa de Melo, Tesoureiro; Manuel Caetano de Brito, Diretor; Manuel Maroja, Diretor.

CONSELHO FISCAL: — Membros efetivos: Júlio Queiroz, Leônio Araújo e Romero Cabral da Costa; Suplentes: José Lopes de Siqueira Santos, Afonso Freire e Fausto Maranhão.

OS PRÊMIOS LITERARIOS DE 1949-1950

A Academia Brasileira de Letras distinguiu-se no ano as laureas relativas a 1949 e 1950. Foram os seguintes autores premiados:

CONCURSO DE 1949

Olavo Bilac (Poesia) — J. V. Vasconcelos — "Suer de

Carlos de Laut (Crônica) — Mário Gracatti — "Enquista"

José Veríssimo (Ensaios) — Humberto Bastos — "A Academia Brasileira e o mundo moderno"

Artur Azavedo (Teatro) — Medellin — "O Casaco Encantado"

Afonso Arinos (Conto e novela) — Décio Quinhentista — "Noivas em Vila Teresópolis"

Sávio Romero (Crítica e literatura) — Roberto Alvim — "Antônio e a Crítica".

CONCURSO DE 1950

Olavo Bilac (Poesia) — Dona Carolina da Silva — "Pratinha"

Artur Azavedo (Teatro) — Luiz Figueiredo — "Um deus em cada casa"

Josépina Nabeiro (História da memória) — J. C. de Souza — "Memórias de

José Veríssimo (Ensaios) — Otton Xavier de Brito — "Dicionário industrial"

Márcio (Filologia, literatura) — Theo Brandão de Alagoas — Silveira de Queirós

Arinos (Conto e novela) — "Morte do Encantado".

Bomero (Crítica e literatura) — A. L. Nobre de Laut (Crônica) — Antônio Barbalho — "Barbalho Prado" — "Crônicas"

Pedro Mariano de Assis (Conjunto) — concedido ao Sr. Eugênio Gomes

Na ocasião da distribuição dos diplomas, o Sr. Presidente concedeu a palavra ao Sr. Eugênio Gomes, que em nome dos laureados, pronunciou o seguinte discurso:

A GRACIA DE EUGENIO GOMES

— Detentor do Prêmio Machado de Assis, o escritor Eugênio Gomes responde à solicitude de falar em seu nome, e os demais premiados, quando a distinção que lhe era dada, já o brilhante orador do Espelho contra Espelho:

— Sua Excelência, Sra. Acadêmica Senhora e meus senhores,

extremamente benevolente e desejavam-me a felicidade de exprimir a emoção deste momento.

a minha condição de autor que vê sua vida a fôr arrebatado

os estatutos e incompreensível realizar uma aspiração vocacionável, já me habituado às perdas do caminho, que percebia outra recompensa senão a estupendo íntima do dever ou do realizando.

Opinião honraria, com que me vi o supremo instituto, Instituto de São Paulo, traz-me, a confortar-me de que os meus esforços percer as minhas deficiências e cultura brasileira não foram feitos em vão.

Hoje naquele célebre momento das décadas, escrevia a um livro de possas modernas, sem surpreender com o avorecimento de minha jornada, plena incerteza e um grandioso sonho de alta emploração, margeando-me capítulos da minha vida em tentativas arrojadas capturar os seus símbolos, os filhos e os avos, mistérios, suas lentes, como o exige a natureza desse instante histórico da literatura, incoerente à rota dos acontecimentos e voltando-me para o mesmo mar em que Moema se submergiu no rastro da nau conquistadora, indiferente a seus resultados, sóla a ressurgir entre as vagas. Certo pressentiu a chegada meus braços. Injustamente o Rio de Janeiro se desfazia num fogo de esquina. Mas, entre mim e meu consumo, eu malaguei. Tinha

rendeu à vista e a posse de um instante.

Meu pobre conquistado foi esse, que correu a servir o corpo redutivo e frumentário de Moema, símbolo imortal da terra ardente da Bahia, com as mãos sal cheias de espuma.

Porto, senhores, essa singular e quinta representação de alegoria de uma existência que embora mais sacrificada à vida prática que às solitárias do ideal, chega a esta altura sem ter saído daquele obstinado, que Henry James denominava "a loura da arte".

E já que permiti mencionar a experiência da minha infância como autor, seja-me também licita evocar dois homens de letras de minha província graca a cuja providencial benemerita pude romper animadamente as resistências que encontrava para aquele passo.

Um deles é Artur de Sales, o magnífico poeta, a quem tanto devo por sua sugestão inigualável: tempos encantadores me trouxeram e provisoriamente encorajaram-me a lutar e provar as curvas pela literatura francesa.

O outro mestre foi o suaveo Carmo Chaves, o grande criador das histórias geracionais, de intelectuais, por efeito de sua convicção, direi assim, resoluta, ceder à tentação de publicar um livro.

Com esse livro seu ou mal, pode experimentar e cristalizar as insopitáveis vivências que refletiam mais amargamente as imagens eriocionadas do mundo perdido de minha infância.

Se dessa maneira, ficara engolida ou engolido o manancial de poesia, que aventurei berlinalha em mim, não sei. O que sei é que me vi pouco depois solidificado para outras direções.

Nessa época, suspeitei-me encontrar a literatura brasileira e tal com a suspeita e o entusiasmo do famoso navegador ante os excedentes da Flórida que me apurou a curiosa aventura de admirar os seus mares, intelectual que havia de me valer e assim principiou uma absorção qualificativa de angústia.

Quando publiquei em 1927 um livro exclusivamente sobre autores ingleses e clássicos que sortiu o risco de parecer um mero propagandista.

Quero deixar esclarecido que sempre fui um homem de liberdade e honestidade alta, preconcupaçõe me tem dominado o espírito neste particular: a de contribuir para não deixar esquecer entre nós o superior interesse que os nossos antepassados consumiram à grande literatura do país de Milon. A insistência com que supre as minhas naturais limitações, serve de qualquer modo para denunciar de maneira permanente a existência de um tesouro da cultura humana.

Há reflexos tão vivos dessa fonte de incomparáveis belezas em nossa literatura, desde os precursores do romantismo até os contemporâneos que alguns deles não poderiam ser interpretados a rigor seu o exame de suas relações com as lettras inglesas. Foi a percepção disto que me induzi a estudar, por esse aspecto, a obra de Machado de Assis.

Quando me propus realizar tão delicada tarefa, não ignorava o lado ligeiro e mesmo antipático dos estudos de fontes literárias. Existem um preconceito de originalidade que, embora generalizado, não consulta se o que há de relativo na criação individual de uma obra de arte é tanto mais prevelente quanto é certo que, em termos das grandes vultos da literatura, abre-se uma aureola de veneração e de respeito, ante cuja fulgor o trabalho impenso, ou científico, da crítica muitas vezes parece até irreverência.

Com relação a Machado de Assis, havia ainda a circunstância agradável de que a simples suspeita de suas influências estrangeiras tinha autor nutrido um entusiasmo potencial que qual ficaram restos que não desapareceriam totalmente.

Escolhendo, principalmente, o setor inglês para fixar as suas fontes, limitei-me, até certo ponto, a seguir indicações que estavam distantes do individualismo, mas de grande escritor ou célebre, com seu respeito, como o de Alfredo Pujol, onde só se encontram as coordenadas para um trabalho daquela natureza.

Colocando-se seu acanhado estudo, exame, no plano universal, só queria declarar, a meus amigos, tantas afirmações vagas sobre as suas fontes, que as orientações estrangeiras de Machado de Assis nunca o levaram à imitação vulgar nem à indulgência do plágio.

A literatura comparada é uma espécie de paucíplice, de critica que luta incessantemente por se afirmar como um instrumento, em tantas causas, indispensável, de pesquisas e interpretação da obra estética.

Quer-se frequentemente invalidar ou neutralizar a sua importância apontando-lhe imperfeições a defeitos que estão antes do pesquisador, que no

método, como a tendéncia à metancrásia ou o vício de mencionar parcialmente influências onde não há que semelhanças ou coincidências.

Mas, quando o estudo comparista pudesse contergar galhardamente esses e outros pernas, sobretudo o que é formado, de maneira tão atrevida, em torno de propósito de amplas analogias, ainda assim a crítica de generalidades não havia de capitular à evidência do papel eminentemente educativo desse método, tantas vezes imprescindível à compreensão do processo estético.

Fundamentalmente, crítica é intuição, não há dúvida, mas seria temerário confiar tudo a esse maravilhoso dom do espírito. Pode-se ler uma visão do conjunto da obra literária ou de alguma de suas particularidades que se distinguem por essa ou aquela razão, mas, se quisermos conhecer especialmente o desenvolvimento do espírito e da arte do escritor, ou muito me engano ou é pena o examen paucitudo ceder à tentação de publicar esse devoção.

A dependência mutua das literaturas é outra justificativa, nem só de império necessidade do método comparativo, sendo também que desse tipo de empréstimos e trocas, é que se constitui o patrimônio cultural da esfera humana.

Quando Paul Valéry declarou que uma quantidade de Sacristies não conseguia, evidentemente estava querendo unir o fenômeno da literariedade de certos espíritos entre si — não importa a época ou a nacionalidade que os separam —, era razão an qual a influência opera como um fertilizante, fazendo florescer, quasi-magicamente, ideias latentes, que de outro modo, não desatraciam tão bem. Nenhum artista pode ainda subtrair-se a esse influxo ascendente que parece estagnar estando, na verdade, correspondendo estagnar, a um fertilizante, fazendo florescer, quasi-magicamente, ideias latentes, que de outro modo, não desatraciam tão bem. Nenhum artista pode ainda subtrair-se a esse influxo ascendente que parece estagnar estando, na verdade, correspondendo estagnar, a um fertilizante, fazendo florescer, quasi-magicamente, ideias latentes, que de outro modo, não desatraciam tão bem. Nenhum artista pode ainda subtrair-se a esse influxo ascendente que parece estagnar estando, na verdade, correspondendo estagnar, a um fertilizante, fazendo florescer, quasi-magicamente, ideias latentes, que de outro modo, não desatraciam tão bem.

Quero deixar esclarecido que sempre fui um homem de liberdade e honestidade alta, preconcupaçõe me tem dominado o espírito neste particular: a de contribuir para não deixar esquecer entre nós o superior interesse que os nossos antepassados consumiram à grande literatura do país de Milon. A insistência com que supre as minhas naturais limitações, serve de qualquer modo para denunciar de maneira permanente a existência de um tesouro da cultura humana.

Há reflexos tão vivos dessa fonte de incomparáveis belezas em nossa literatura, desde os precursores do romantismo até os contemporâneos que alguns deles não poderiam ser interpretados a rigor seu o exame de suas relações com as lettras inglesas. Foi a percepção disto que me induzi a estudar, por esse aspecto, a obra de Machado de Assis.

Quando me propus realizar tão delicada tarefa, não ignorava o lado ligeiro e mesmo antipático dos estudos de fontes literárias. Existem um preconceito de originalidade que, embora generalizado, não consulta se o que há de relativo na criação individual de uma obra de arte é tanto mais prevelente quanto é certo que, em termos das grandes vultos da literatura, abre-se uma aureola de veneração e de respeito, ante cuja fulgor o trabalho impenso, ou científico, da crítica muitas vezes parece até irreverência.

Confesso que sómente depois de examinadas as suas fontes é que me apercebi melhor da verdadeira originalidade do criador de Brás Cubas: a quase inapreensível originalidade de essências que é uma privilégio apenas de rarissimas escritoras.

Distinguindo-me com a generosa concessão do Prêmio Machado de Assis, ao exame de cujas influências observa-se o que Menéndez Pidal considera a mais útil finalidade desses estudos: o de mostrarem como o pensamento do escritor se eleva por cima de suas fontes, como se emancipa delas e as valoriza e supera.

Confesso que sómente depois de examinadas as suas fontes é que me apercebi melhor da verdadeira originalidade de essências que é uma privilégio apenas de rarissimas escritoras.

Distinguindo-me com a generosa concessão do Prêmio Machado de Assis, ao exame de cujas influências observa-se o que Menéndez Pidal considera a mais útil finalidade desses estudos: o de mostrarem como o pensamento do escritor se eleva por cima de suas fontes, como se emancipa delas e as valoriza e supera.

Esta casa expressivamente denominada Casa de Machado de Assis, mostrou bem compreensão quanto a sua função de preservar o idealismo espiritual, não deixar interamente desaparecer a inquietação criadora de cada geração. A vigilante recepção dada com que acompanha o processo contínuo de renovação de valores, abrindo as suas poderosas antenas, às múltiplas manifestações da inteligência brasileira, torna-se incontestavelmente fiel a responsabilidade de suas tradições, e que é de apoiar e salvaguardar as realizações meritórias do espírito.

Elaborei prova aqui está, nesta brilhante solenidade, cuja significação



Narcisa Amália, a encantadora poeta fluminense. A seu respeito Antônio Simões das Beiras deu o seu passado um livro cheio de interessantes revelações.

sido também acentuada, representa o mais nobílio estímulo àquelas que foram abrindo o caminho por si mesma, sem perder o senso da dignidade da profissão das lettras e do prestígio inalienável do espírito.

Ligo esclarecer a do grande escritor brasileiro para quem a literatura era um artesão a exigir esclarecido e paciente manejo dos instrumentos que são próprios: a linguagem e a técnica.

Com sua arte conscientemente exercida e a inquietação de seu espírito, foi ele um exemplo vivo do verdadeiro homem de lettras, no sentido de que não dormiu jamais sólido ou louros e, portanto, como o Teseu do apólogo de Cide poderia também dizer de si mesmo: "Assim fui sempre, menos envolvido eu dentro pelo que tinha feito que solicitado pelo que me faltava, fazer, e cada vez o mais importante me parecia que estava por chegar".

Esta casa expressivamente denominada Casa de Machado de Assis, mostrou bem compreensão quanto a sua função de preservar o idealismo espiritual, não deixar interamente desaparecer a inquietação criadora de cada geração. A vigilante recepção dada com que acompanha o processo contínuo de renovação de valores, abrindo as suas poderosas antenas, às múltiplas manifestações da inteligência brasileira, torna-se incontestavelmente fiel a responsabilidade de suas tradições, e que é de apoiar e salvaguardar as realizações meritórias do espírito.

Elaborei prova aqui está, nesta brilhante solenidade, cuja significação

é tão nobre e precisa salientar. E assim Sr. Presidente, em seu nome e no de todo um dos mais ilustres confrades que se enquadram nessa recta para recesar os prejuízos que lhe foram cometidos, tanto a honra de exprimir à Academia Brasileira de Letras o mais profundo reconhecimento pelas suasas com que tão nobremente decidiu premar as suas esforços."

Vários autores dos séculos XIX e XVIII

(Conclusão da página 106)

Documentos inéditos do Arquivo do E. de S. Paulo. Papéis de Marechal José Aronche de Toledo Rondon.

Documentos interessantes para a História e costumes de S. Paulo. Tomo IV.

Joaquim da C. Siqueira — Crônica de Cuiabá — Tomo IV da Rev. do Inst. Hist. de S. Paulo.

José Aronche de Toledo Rondon — Fragmentos de um diário — no Arquivo de S. Paulo.

Pedro Taques de A. Paes Leme — Mobilarchia paulistana.

Sacramento Blako — Dicionários bibliográfico Brasileiro — vol. 2º pag. 104.

Saint-Hilaire — Voyage dans les provinces de Saint-Paul et Sainte Catherine.

Teixeira de Melo (J. A.) — Cartas Anchietaanas (prefácio).

O CLUBE DO CUPIM

(Continuação da página anterior)

Antônio Carlos, e a dizer-lhe que viu a Pernambuco. Unicamente buscar uma cunhada que levara viu há pouco tempo, ficando carregada de filhos e paupérrima e que lhe era muito difícil tirar passaporte e preencher outras questões formalidades. O Antônio Carlos foi tão eloquente junto ao Inspetor da Alfândega, que o resultado foi este dar ordem ao Guarda-mor para consentir no embarque que sem passaporte. Estava segura a polícia marítima, mas a de terra?

Como lidiá-la? A tarde, a mulata quasi branca, trajando roupas de algodão, empregada Adolfo Rodrigues Lima a quantia de trezentos mil réis... que nunca mais recebeu nem nem de receber. Vendendo-lhe como saldo de boas ações.

Contava essa leva de cento e dezenove escravos. Desceram à noite, do Poco da Pena, da casa de José Mariano em uma canoa de

capim conduzida por Guilherme Pinto até a Capungá, partindo da casa de Dafino Bastos no pôr das Grãcas rebocados por dois botões de José de Matias (Lingueta) e o almirante das Cupins. Indo fundear de frente da casa de baixas onde passaram para a barca Flor de Jardim, pertencente a Lage, a qual logo pela manhã, não havendo mais dinheiro em caixa, emprestou Adolfo Rodrigues Lima a quantia de trezentos mil réis... que nunca mais recebeu nem de receber. Vendendo-lhe como saldo de boas ações.

Foi a última façanha do Clube do Cupim.

A 13 do mês seguinte, assimava a Princesa Regente a maior lei que o Brasil possuía nas suas coleções.

Recife, 13 de maio de 1950.

Carmo Vilela.

PÁGINA DOS AUTORES NOVOS

XXIX - Rodrigo Luiz de Andrade

• *Rodrigo Luiz de Andrade*

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, n.º 7 de abril de 1929, é filho de Rodrigo Meio, Pratico de Andrade, diretor do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e D. Graciama Sa de Andrade. Fez seus estudos primários e secundários no Colégio Meio e Souza e faz hoje o curso da Faculdade Nacional de Direito.

O CANTO DA NOITE ESCURA

A noite abafou Ouro Preto.
Tão de manancial que ninguém via;
Ninguém notou a caricia suave.
A noite é amizinhada pela cidade
Mas nunca costumou sê eu sei.

O céu da noite tão branco,
Cantava as esquerdas,
Até as pedras choraram,
Choraram com o olhar da noite;
Mas ninguém viu adiante.

Vi a noite sair no espaço
Como um balão todo branco;
As esquerdas do Aleijadinho
Soltaram suas abrigas,
Cantaram lindos e gloriosos
Aqueles que se criaram.
Tocaram nos aílos das velhas
Canções também velhas, evas.
Até os aílos dançavam
Enthousiasmados pela música;
A igreja vivia, sentia
Infinis, dominando tudo;
Me abraçaram com docura:
Tudo isto só eu vi.
Mas foi quartel lá em cima
Que quebrou aquela tudo
Com seu toque de silêncio.
Os aílos voltaram à pedra,
A igreja desvaneceu-se rapido,
Os aílos emudeceram.
As pedras endureceram.
E meu coração se fechou.

TRISTEZA

Há dias em que a tristeza
Invade de manancial o coração da gente.
Desagar, com medo de ser perturbado
Por algum pensamento alegre, se tem.
E nos aílos melancólicos nem saber
porque
Procurando alguma motivo para estarmos
tristes.
Sem deixar que a tristeza fique escondida
Sem sentir a poesia dore da tristeza.



Rodrigo Luiz de Andrade.

Num silêncio respeitoso,
Trazendo seus violões,
Sentaram-se sobre o tombo
Do seu velho companheiro,
E a valsa rompeu chorosa.
Leve, triste, graciosa,
Lavrando para as alturas
A prece dos cantadores.
Os sons subiam de manso,
Enrolavam-se nas arvores
E lá ficavam vibrando.
Penetravam pelas campas
Para alegrar os defuntos.
Naquela cordas tristonhas
Io uma última prece
A prece dos cantadores.
Foi esta última prece
Que levou a alma de Pedro.
Dirigindo para o céu.

Os vultos dos que morreram ainda
pelos ruas:
Gonzaga chorando e pedindo por
Marília.
Cláudio arrastando a corda com
entusiasmo.
Alverenga chamando Bárbara.
Nos notícias escutas,
Todos se reuniram à frente do Túmulo
E choraram, pedindo perdão.
O berro, com um sorriso triste,
A todos perdão.
Anda pelas ruas, sem rumo,
Subo ladeiras, desce ladeiras.
Tudo é igual.
Tudo tristemente igual.
Ali, um violão chama alguém.
Um chamado triste e sem esperança.
Os cemitérios das igrejas estão tristes.
Para que também va perturbar
dos mortos.

SAUDADE

Eu sei que algo passou,
Uma sombra, um vulto vago.
Uma visão esmeralda pelo tempo.
Um sombo, uma realidade, quem sabe
Algo que passou sem deixar marca.
Que deslizou pela manhã tímida cansada.
Alguma coisa que passou, apenas que
passou.
So deixando saudade.
Teria sido um amor, uma alegria.
Ou talvez, um instante de silêncio?
Nada, tudo é vago.
So resto é lembrança de que fui feliz.
Sei que essa felicidade não voltará nunca.
Mas que importa? fui feliz.
E ainda guardo a saudade.
Guardo, calado, a saudade de um amor
de uma alegria.
Ou talvez, de um instante de silêncio.
A cidade está parada.
Um silêncio estranho bala sobre tudo.
So vive ali uma saudade imensa, infinita.
Das sombras que passam silenciosamente.
Dolorosamente.
Ouro Preto não mudou.

A ALMA DO VIOLA

Silenciosamente, a noite já caiu,
E pela rua sem fim eu ia triste.
Sentindo na frente o brilho do dia.
Da noite que me observava indiferente.
Fui de repente — os sons brotaram de
toda.
Um violão solitário e um sussurro.
Na tristeza daqueles sons, eu ouvi
Os lamentos que meus filhos não sabem.
Não era o canto de uma alma errante.
Nem a esperança acompanhava aquele canto.
 Era a canção saturnina da saudade.
Sem esperança. Só um simples sonho.
E eu, sozinho pelas ruas já caladas.
Na noite que, serena, me acolheu.
Tento, em vão, guardar um só pedaço
Da alma que na rua se espalha.

SERENATA POSTUMA

Pedro Vieira morreu,
Morreu cantando na noite.
Cantando uma valsa triste
Morrer num sonrimento.
Cantando pra sua amada.
O Pedro morreu feliz.
O Pedro virou cantando
E morreu como viveu
Na noite do seu enterramento.
No cemitério solitário.
Surgiu o vulto escuro



Auto-retrato de Alberto Guignard. O grande pintor brasileiro reside hoje em Belo Horizonte, onde dirige a Escola de Belas Artes de Minas Gerais.

LIVROS NOVOS

Catedral — ano I — mês-dezembro de 1949 — n.º 2 — revista quadrimestral publicada pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde — 293 págs. 1 — pág. somário — Dep. da Imprensa Nacional 1950 — Rio de Janeiro.

Cartório, Lei — Joaquim Nabuco e Eu — *Barbosa* disse 1928 — paralelo — conferência pronunciada pelo Deputado Levi Camarão, Conselheiro Jurídico do Ministério das Relações Exteriores, a 26 de julho de 1949, na sala da Biblioteca do Palácio Tancreto — Ministério das Relações Exteriores — direção cultural — Ciclo de Conferências de 1949 — serviço de publicações — 49 págs. — Dep. Imprensa Nacional.

Departamento de Imprensa Nacional — *95º aniversário de livros* — comemoração do 125º aniversário da fundação do Departamento de Imprensa Nacional — edição de 1949 — Rio de Janeiro — 1950 — 30 págs.

Dias, Alexandre — Testamentos — 2.ª edição — Rio 1945 — Est. Gráfica Castro & Reis J 122, págs. índice incluído.

No testamento de experimentabilidade — 2.ª edição — Rio 1945 — ident. 126 páginas.

Guitarras portuguesas — Rio 1944 — ident. 123 págs. índice incluído.

Discurso Econômico — 1.º 66 — maio de 1950 — ano VI — 1.º pág. índice na folha de rosto — Gráfica S. José — São Paulo.

Hilton, Ramal — Joaquim Nabuco e a civilização europeu-americana — 1 — *Joaquim Nabuco e os Estados Unidos* — Ramal Hilton professor de Línguas Românicas, Diretor dos Estudos Hispano-Americanos da Universidade de Stanford, Califórnia — 43 págs. — 1 fotografia de J. Nabuco — Edição do Inst. Brasil-Espanha Unidos — Rio 1949.

Instituto de Aquecimento e do Álcool — *Brazil encyclopedic* — ano XVIII — volume XXXV março — 1950 — n.º 3 — 92 págs. — Editora "O Concreto" S. A. — Rio de Janeiro.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — Conselho Nacional de Estatística — *Produção Agrícola* — separata do Anuário Estatístico da Brazil — ano X — 1946 — Rio de Janeiro — Serviço Estatístico do Inst. Brasileiro de Geografia e Estatística — dezembro de 1949 — 70 págs. *Concreto* — idem — 101 págs.

Fim das Provinças — idem 83 págs. idem.

Instituto Rio Branco — *Discursos diplomáticos de 1949* — curso de preparação à carreira de diplomata — orações proclamadas por ocasião da realização do Curso de Preparação à Carreira de Oficial das Forças Armadas de 1949 do Diplomata em cerimônia realizada no Salão de Conferências do Museu de Petrópolis em 13 de janeiro de 1950 — Ministério das Relações Exteriores — serviços diplomáticos — 22 páginas idem incluído.

Marcos, Bureau — G. Maranhão e suas Agências — prefaciado por Alexandre Dias — 2.ª edição — Bahia 1947 — 231 págs. — 2 págs. índice — 1 fotografia da Eng. Durval Telles de Menezes.

Monteiro, Oliveira — Um memorial ao Professor — Pioneiro da Escola de Enseñanza de Pernambuco — por ocasião das comemorações do 15º aniversário da renovação tricentária — 1949 — 34 págs. — Impresso Oficial — Recife 1949.

Revista Brasileira de Estatística — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — ano X — Junho-setembro de 1949 — n.º 29.

Ribeiro, Adolfo Moraes de o/a (Filho) — *Orcodes* — Editora A Noite — 143 págs. — 1 págs. índice — várias fotografias.